

trina de Platão expressa n'estas admiraveis palavras do *Timeu*: « E devemos distinguir duas sortes de causas, as fataes e as divinas; e para alcançarmos a bem-aventurança, cumpre em tudo investigar o divino, quanto nol-o permittir a nossa natureza. »

Porém a força, segundo Leibnitz, não jaz no fundo de um principio abstracto; não é mera potencia, é uma energia actual que envolve o esforço (*conatum involvit*).

E o grande philosopho abalança-se a refutar Locke com uma unica palavra; acrescentando ao velho adagio *nihil est in intellectu, quod prius non fuit in sensu*, a restricção *excipe ipse intellectus*.

A força é uma intelligencia vivaz e activa, tanto quando opera sobre a materia, como quando se considera a si propria, quando observa o seu *eu*, esse *eu* pela contemplação do qual se eleva á noção do ser, da substancia e de Deus.

Platão, no sexto livro da *Republica*, havia dito que a alma, por via do raciocinio, e firmando-se em supposições, podia remontar a um principio inconcusso, isento de toda a supposição, e d'elle, sem tocar no sensivel, deduzir todos os theoremas da sciencia. E pouco antes, comparando ao sol que alumia o mundo material, esse principio supremo, luz das intelligencias, considerára Deus como a origem de todo o saber, mas permanecendo em uma região acima de todo o saber e da propria consciencia.

Essas sublimes concepções, a philosophia moderna aceita-as grata e respeitosa como inestimaveis thesouros que lhe legou o passado.

Admitte portanto ella tambem a revelação como fonte

de toda a sciencia, admitte que toda a idéa racional seja uma inspiração. Mas se Deus actua na alma quando ella concebe uma verdade, ao mesmo tempo a alma é activa tambem.

Se a parte da idéa que está fóra de nós, se o ensino exterior é divino, a parte interior, a parte psychologica é toda natural e humana.

Ora é essa parte interior e psychologica em que deve residir a essencia da idéa.

Por certo Deus na sua natureza absoluta está muito acima da nossa mesquinha razão; mas a essencia da idéa divina não póde, por modo algum, exceder o nosso entendimento.

A noção que formamos de Deus é incompleta.

Que importa?

Essa parte da idéa de Deus é perfeitamente comprehensivel; é ella, e só ella, que nos faz acreditar na sua existencia.

A outra é, para nós, como se não existisse.

Tambem nós não conhecemos completamente a materia; e comtudo acreditamos no mundo exterior; não concebemos ou imaginamos os corpos taes quaes são: por mais que nos esforcemos não conseguimos depurar a idéa que d'elles formamos, de toda a escoria subjectiva que a inquina; as qualidades que lhes attribuimos só existem em relação comnosco; não podemos transcender o acanhado recinto do nosso ser; e a alma só conhece o exterior pelo que se passa dentro d'ella (*extera non cognoscit, nisi per ea quæ sunt intus in ipsa* ^{1.})

Pois o que succede, no mundo material e sensivel,

1. Expressões de Leibnitz.

dá-se igualmente no mundo intelligivel; e se ainda agora exaltamos os objectos da experiencia á esphera racional, agora trazemos as verdades eternas ao dominio da observação; de uma observação porém toda interior, a pura contemplação do nosso ser.

De facto, a idéa que formamos de Deus não é senão a que temos de nós mesmos; e os attributos que lhe conferimos são as nossas proprias faculdades engrandecidas e aperfeiçoadas. Se concebemos a divindade é porque fomos feitos á sua imagem; e o conhecimento que d'ella vamos adquirindo, se irá completando á medida que melhor aprendermos a lêr no nosso interior.

A theologia fica assim sendo um corollario da psychologia; e a cada descoberta da sciencia divina deve preceder uma descoberta sobre a da alma humana.

A poucos porém é concedido o dom de profundar os segredos da nossa organização psychologica, nem se requer esse talento para nos acercarmos do Creador; e tudo que se diz do amor de nosso Pae celeste para com os humildes e fracos, é uma verdade generosa, no sentido, de ser mais grato a seus olhos a virtude ignorante e a caridade do simples do que o mais remontado engenho.

Anterior a todo o raciocinio, acima de toda a deducção, anceia-nos no peito a sede da justiça, brada-nos no coração a voz da consciencia moral. O proprio Deus gravou em caracteres de fogo, em nós, esse sentimento, sello da divina alliança. E' elle verdadeiramente a luz de que falla o apostolo, que illumina a todo o homem ao vir ao mundo, o pobre como o opulento, o desgraçado e o venturoso, o sabio e o ignorante; luz cuja

bemfazeja influencia chega a todos e lhes permite encaminharem-se ao Summo Bem.

O philosopho tenta derivar esses dictames do sentimento moral das idéas do fim da humanidade e do plano da providencia.

O homem virtuoso obedece ao sentimento sem remontar á sua origem.

O homem religioso reúne todos os instinctos moraes que sente em si, em um todo que projecta fóra de si e cria assim o objecto do seu culto, cuja natureza e attributos dependem do gráo de imaginação e de cultura intellectual de quem o produziu.

E' d'essa crença que se utilizam os instituidores das religiões para fixar e disciplinar o sentimento moral. E dos preceitos, escriptos, palavras e acções d'esses instituidores e de seus primeiros sectarios se fórma a parte historica, liturgica, e, por assim dizer, externa, da religião, elementos que em ultima analyse se fundem em dogmas moraes, porque é aos preceitos moraes que todos tendem.

Ao passo que o philosopho deriva toda a religião de uma revelação natural e interior; o crente firma-a sobre um facto historico, o qual em si mesmo, como todos os factos historicos, comprehensivel, assume um character sobrenatural e divino, pelo considerar como evangelho de preceitos moraes, sancionados por um apparatus mythico em que, mais ou menos claramente, se symbolisam a acção da providencia e o destino superior da humanidade.

A razão meditando sobre esses dados fornecidos por livros que reputa inspirados a seus auctores por uma

acção extraordinaria de Deus, cria a theologia positiva que fica assim encerrando um duplo character.

Pretende por um lado ser mera interprete dos livros divinos que nos manifestam verdades que a razão não poderia de persi só alcançar; e exprobra os arrojios do racionalismo e da philosophia.

Por outro lado n'essa interpretação e nas consequencias que d'ella deduz, utiliza os resultados d'essa philosophia por ella impugnada.

Estes dous elementos co-existem necessariamente, não só entre todos os santos padres, senão em todos os theologos e tão inconciliaveis se apresentam que deram origem a uma renhida polemica de eruditos no seculo XVII, d'entre os quaes sobresahe Dionysio Petau e Baltus.

O primeiro, attendendo sobretudo á explicação dos dogmas que davam os Santos Padres e ás idéas que n'elles transluziam, filiava-os todos ao platonismo.

O segundo, considerando unicamente os textos sagrados em que fundamentavam os dogmas, negava absolutamente que sobre elles houvesse tido influencia a philosophia; e essas duas opiniões tão encontradas podiam ser sustentadas ambas de bôa fé!

Em confirmação d'essas duas tendencias oppostas, que se notam em cada doutor da Egreja, poderia citar innumeraveis documentos, cingir-me-hei, porém, ao seguinte trecho de S. Justino martyr, um dos primeiros escriptores christãos:

« Ninguem me pergunte — diz elle, fallando do mysterio da encarnação — o modo porque estão unidos o verbo divino e a alma de Jesus Christo: não me envergonharei de confessar n'esse ponto a minha ignorancia.

Antes gloriar-me-hei de me apresentar como mystagogo e doutor de tão grandioso arcano, d'essas verdades, para a percepção das quaes desfallecem as forças acanhadas do nosso entendimento. »

Parece não haver que esperar esclarecimento algum sobre o dogma: basta que o tenhamos formulado e deduzido dos textos sanctos; mas o auctor suppedita-nos uma transição para explicações derivadas da observação psychologica e do platonismo:

« Não exijam, portanto, nem de mim nem de outrem — continúa — uma exposição clara e lucida de tão recondito mysterio. Se, porém, querem d'elle ter uma noção accommodada á capacidade da nossa intelligencia, não terei duvida em ministrar-a aos filhos da Egreja; e, comquanto seja empreza para a qual se careça de conforto e auxilio celeste, abalançar-me-hei a commettel-a. »

Esse soccorro divino não é, por certo, o que se colhe da meditação do Novo e Antigo Testamento; é uma pura illuminação interior, que aclara o raciocinio, e em tudo semelhante á que pede Socrates no *Phedro* antes de tractar da natureza de Deus.

Depois procede S. Justino á explicação do mysterio.

Na primeira que expõe, compara a união do verbo divino de Jesus Christo com a união da alma e do corpo; mas dá essa comparação como devida a escriptores mais antigos e não se mostra satisfeito com ella; por isso que a pessoa humana se destroe com a separação das duas substancias que a formam, emquanto que a pessoa divina existiu antes da sua incarnação.

Na segunda explicação, que dá como sua, o Verbo assemelha-se á luz primitiva, o corpo do Christo ao corpo

do Sol em que essa luz se concentra. Ha aqui allusão manifesta aos primeiros versiculos do Genesis; mas ha tambem reminiscencia incontestavel da doutrina platónica que acima apresentamos.

Parece mesmo que o escriptor reconhece quanto se aparta da vereda do supernaturalismo quando diz: «Antes de nos ser dado lançar essa pouca claridade sobre essa verdade, confessamos que a nossa intelligencia *não a attingia, agora, todavia, obramos com candura e bôa fé trazendo a publico, com os pequenos recursos que nos foram concedidos, o conhecimento, tal qual d'ella logramos obter.*

A modestia dos diminutivos não illude ninguem.

Vê-se que o santo martyr reputa a explicação cabal e está satisfeito com a propria descoberta, *não só pela grandeza do simile, mas por ser o Verbo comparado com essa mesma luz que veio trazer ao mundo.* (Maxima Biblioth. Veterum patrum, tom. II, pag. 110 — Expositio fidei de recta confessione sive de sancta consubstantiali Trinitate).

Ainda assim, n'esses primeiros tempos da Egreja, a opposição entre a razão e a fé, não era tão saliente como o foi nas épocas posteriores. S. Justino, ainda cria que os grandes philosophos haviam sido esclarecidos por alguns raios da luz que allumiára a Christo; e n'esse ponto as idéas que tinha pouco differem das modernas; apesar de Brucker vêr n'essa luz uma especie de alma do mundo. Mas o douto historiador é achacado a vêr um pouco a alma do mundo onde ella não existe; a alma do mundo é para a sua imaginação uma como Sombra de

Banquo que o persegue por toda a parte e não lhe deixa bem interpretar os systemas dos philosophos.

Porém, quando a philosophia penetrou na dogmatica christã, quando a nova religião subiu ás escólas, os dous campos tornaram-se, como já dissemos, mais inimigos; e os mesmos que evitavam as demasias dos Tertullianos e Basilios, os que mais prezavam a philosophia, os Clementes de Alexandria, os Origenes, os Agostinhos, comquanto tentassem conciliar com ella o dogma, salvavam a supremacia dos textos sagrados e a idêa da imbecilidade da razão humana com a supposição a que já acima alludimos de imaginarias communicações dos Hebreus com a Grecia.

Em quanto o platonismo dominou nos escriptos dos Santos Padres, as explicações dos mysterios, reduzindo-se ordinariamente a comparações mais ou menos luminosas, como na passagem citada de S. Justino, á força de allegorias e de interpretações forçadas, poderam ainda afieçoar os textos sagrados ás exigencias da philosophia; depois, porém, que com a escolastica o dogma teve de subjeitar-se ao jugo ferreo da logica aristotelica, o racionalismo invadiu todo o terreno theologico, deixando á Biblia unico logar nas epigraphes dos capitulos.

Com effeito, todo o tractado de theologia escolastica é uma collecção de theoremas, em cujas demonstrações, formadas de argumentos puramente logicos, não tem ingresso a auctoridade; e em cujos enunciados apenas cabem formulas deduzidas dos textos sagrados.

Ponham um ponto de interrogação n'esses enunciados, e os theoremas se convertem em problemas; e o que ainda agora era these affirmada, torna-se, na conclusão,

desconhecida e investigada. A razão não procede por fórma diversa quando demonstra a verdade que sabe, e quando busca a que ainda ignora. Obedece ás mesmas leis. O conhecimento de uma proposição não escravisa em sua marcha um entendimento esclarecido; antes, para demonstrar qualquer formula, forçado pelo rigor logico, tem de por vezes modificá-la.

Os grandes tractados de theologia escholastica chegam a conclusões bem diversas da doutrina de que partiram; essas divergencias o auctor não as nota, ora, porque não tem d'ellas clara consciencia; ora, porque vê o risco de o fazer: mas as heresias de que a idade media foi fertil e a as accusações feitas aos *doutores sentenciarios* ou dogmaticos pelos doutores *biblicos* ou mysticos, demonstram cabalmente que a razão dominava o dogma e alterava-o.

A guerra por S. Bernardo movida a Abeilard, não teve outra causa.

O paganismo morrera, e, á falta da critica que a ignorancia da época não permittia, bradava-se contra os excessos da exegese.

Mas se o dogma apparece sempre como o resultado de um raciocinio, é inutil toda a revelação differente da inspiração racional, e a theologia reduz-se á philosophia. Em rigor deveria ser assim; mas o character historico, pratico e moral das religiões não deixa racionalisar a dogmatica do crente, e faz que a philosophia seja, não a fórma actual, mas apenas o ideal que a theologia aspira attingir.

Anterior á sciencia ha um nucleo dogmatico, um embrião de doutrina theologica que a reflexão aclara e des-

envolve, sem comtudo poder reduzir completamente a elementos racionaes. A religião — diz S. Vicente liriense — imita nas almas o que se passa nos corpos: bem que pela successão dos tempos os corpos medrem e se desenvolvam, permanecem comtudo os mesmos: e é permittido pensar que tambem os dogmas da nossa fé são expostos com mais clareza, nitidez e precisão que d'antes, mas cumpre crer que se lhes conservam em toda a integridade a substancia e a pureza.» (Communitorium, cap. 23 cit. por Bergier.)

E' a esse nucleo, a esse embryão primitivo do dogma que se reduz propriamente a revelação sobrenatural; quanto á pretensão de conservar inteira, atravéz dos tempos, a pureza da sua substancia, será difficil legitimá-la, visto apparecer elle envolto em factos historicos e em formulas lithurgicas e symbolicas que lhe não deixam enxergar a significação e dão larga margem aos arrojós hermeneuticos.

As verdades historicas, as verdades metaphysicas e as verdades moraes não tem igual importancia na formação de uma religião. O fundador dirige-se principalmente á moral; é com preceitos que se vulgarisa a sua prédica: e a verdade d'essa religião reside toda na verdade d'esses preceitos e deve ser afferida por ella.

A razão e a theologia tentam depois explical-os, deduzindo-os de principios racionaes. Se o conseguissem, bastariam estas duas condições para a educação do genero humano; a impotencia, porém, em que ellas estão de levarem a cabo a sua empreza, exige que como terceiro elemento se meta de permeio a parte tradicional e legendaria da religião.

E'ahi que o instituidor da nova crença assume um character sobrenatural, que as verdades metaphysicas, ainda mal definidas, se envolvem em mysterios e symbolos sagrados, e as moraes em ritos, ceremonias e sacramentos.

Como se formou e desenvolveu essa porção mysteriosa e ritual da religião? Tanto vale perguntar pelo apparecimento dos primitivos organismos sobre a terra, ou pela formação de qualquer embryão; ou inquirir como nasceu no homem esse maravilhoso dom da falla ou como lhe despontaram no peito os multiplicados instinctos.

Como todas as origens, está esta origem submersa em trévas tanto mais densas quanto as forças que a ella presidiram foram mais espontaneas, mais livres de reflexão, mais isentas de qualquer estimulo egoista, de qualquer interesse individual e humano.

Embora, porém, seja arduo empenho levantar o véo do sanctuario tenebroso, o critico e o historiador devem tental-o e tentam-o com a affouteza propria de espiritos despídos de preconceitos e de superstições.

Até que ponto poderão lograr o seu intento não me compete investigal-o n'este trabalho; mas já d'aqui se colhe uma consequencia importante.

A religião conservar-se-ha tanto mais augusta e veneranda, quanto menos o seu fundador contribuir para todo esse apparatus mysterioso e sobrenatural. Quanto menos affectar uma natureza superior e sobrehumana, tanto mais a sua individualidade e a moral da sua acção radiarão puras destacando-se das crenças supersticiosas e de artificios enganosos.

E' por isso que a escola do douto Strauss, a escola my-

thica que reputa os milagres evangelicos producto de lendas populares posteriores á vida de Jesus, é mais favoravel ao christianismo do que ás escolas que ligam o sobrenatural indissolavelmente á existencia de Christo.

Pois todas essas lendas e tradições miraculosas constituem a parte transitoria e caduca da religião.

Com effeito, a sciencia tende a explicar os dogmas moraes trazendo-os ao terreno da metaphysica; e onde ha mysterio e sacramento ha emblema, ha verdade symbolisada, isto é, ha uma explicação imperfeita de preceitos, explicação que a analyse e a critica forcejarão de aclarar destruindo o involucro que encobre a verdade á vista inexperiente dos fieis.

Bem semelhantes são pois os mysterios e sacramentos a esses orgãos temporarios que protegem a tenra planta para se mirrarem e desprenderem, desde que ella adquire sufficiente vigor para prescindir d'elles.

A comparação não é porém de todo exacta, porque a sciencia nunca logrará dar cabal demonstração dos dogmas moraes, e por isso a parte legendaria mystica e ritual continuará a subsistir, bem que se vá progressivamente mingando e modificando.

Porém a sciencia illude-se necessariamente n'esse ponto, e o fito a que mira todo o theologo, é, como já dissemos, explicar e racionalisar o dogma.

E como prova de que não ha exaggeração da minha parte, citarei as proprias palavras do orthodoxo S. Thomaz d'Aquino, as quaes o mais puro racionalista accitaria: « Respondo dizendo que, na doutrina revelada, se comportam os artigos de fé como, na sciencia adquirida pela razão natural, se apresentam os principios reconhe-

cendo entre si certa ordem e gerarchia, de maneira que uns se contém implicitamente nos outros, e todos se reduzem a final ao principio primitivo de ser impossivel affirmar e negar ao mesmo tempo, como se vê em Aristoteles. *Metaphys.* liv. IV. E semelhantemente todos os artigos de fé se contém implicitamente em crenças primitivas, a saber que existe Deus e que providencia acerca da salvação dos homens, segundo este dizer de S. Paulo na *Epistola aos Hebreus*, XI, 6.: « Sem a fé é impossivel agradar a Deus. E ao que se aproxima de Deus cumpre crêr que elle existe e recompensa os que o buscam. »

Vê-se claramente d'aqui que na mente do angelico doutor os artigos de fé, os mysterios do dogma se podiam racionalmente deduzir da crença da existencia de Deus e da sua providencia sobre o mundo, e que, portanto, a theologia positiva e revelada não era senão o corollario logico dos attributos metaphysicos e moraes da divindade e se devia ir assim aperfeiçoando á medida que a analyse e o estudo iam alcançando da natureza suprema noções mais completas e claras.

E reconbece de facto o eximio theologo não só o desenvolvimento successivo dos dogmas, como S. Vicente liriense, se não em quanto á substancia, pelo menos na clareza com que são concebidos; e nós acabamos de vêr que se reduz essa substancia, esse nucleo primitivo do dogma, á crença puramente racional da Providencia divina.

Vae porém ainda mais longe, concorda que aos proprios mestres da fé foi concedida com medida a revela-

ção gradual e progressiva, accommodada ás circumstancias dos tempos, ás exigencias e indole do ensino, conforme devia ser exposto em puras concepções ou envolvido em allegorias e figuras.

Que mais se poderia pretender de um philosopho racionalista?

E comtudo, embora pareça depois d'estas citações estranha asserção, affirmamol-o afoutamente: S. Thomaz não é de modo algum racionalista.

N'outra das suas obras, a *Summa contra os Gentios*, considera, mesmo em assumptos que estão ao alcance da intelligencia, a revelação dom precioso de Deus; porque por meio d'ella unicamente póde a verdade ser do dominio universal e não ficar o exclusivo de um pequeno numero de espiritos privilegiados; obter-se sem um penoso e longo tyrocinio de estudo, mas em pouco tempo e sem trabalho; e que, livres de receio de errar, attingimos, por meio d'ella, o summo grau de certeza.

Mas o illustre theologo e o Padre Ventura, n'esse ponto seu fiel interprete, illudem-se, estendendo ás idéas e dogmas metaphysicos, virtudes que só pertencem aos dogmas, ou, antes, aos sentimentos moraes; e attribuindo a uma manifestação miraculosa de Deus no entendimento a efficacia com que nos falla naturalmente ao coração.

E, de feito, já demonstramos, que é pelos sentimentos moraes que sem exigir longas canceiras de estudo, a providencia divina se manifesta mais pura, espontanea e facilmente aos homens, e que a imagem incomparavel de Deus se acha insculpida ingenitamente em todas as almas humanas.

Embora descesse Deus do céu á terra cercado das phantasticas pompas miraculosas e theurgicas, nunca poderia d'outro modo revelar-se instinctivamente á consciencia; só o sentimento do bem lhe poderia ainda assim dar ingresso n'ella; e os mysterios de sua sublime natureza só os attingiria o espirito ao cabo de porfiadas meditações e esforços.

Causa lastima vêr escriptores sustentarem que o simples fiel tem dos attributos de Deus e dos mysterios da egreja a mesma idéa que o theologo encanecido no estudo. A propria parte historica, critica e hermeneutica da religião exige vasto systema de conhecimentos.

Como se ha de crêr com Bergier que o catholico medianamente instruido sabe a razão da preferencia que dá ao catholicismo sobre as demais seitas e sobre as outras religiões, se elle nem sequer sabe em que differem as diversas heresias do catholicismo, e o horror que professa ás religiões estranhas nasce menos da perversidade que encerram do que da errada opinião que d'ellas por sua ignorancia fórma: pois, á medida que adquire d'ellas mais conhecimento, vão a seus olhos perdendo da antiga fealdade, porque vae n'ellas divisando verdades sublimes a todas communs, que as tornam na essencia, isto é, nos principios moraes, tão pouco differentes entre si.

Se, portanto, ha uma revelação divina, não digo já independente da razão; pois exclusivamente aos seres racionais coube em partilha o sentimento moral, mas superior a ella, mas anterior ao seu completo desenvolvimento, a todo e qualquer raciocinio — é na parte affectiva

de nossa alma que deve actuar. Cumpre-nos, portanto, examinar se uma inspiração exterior póde illuminar-nos a alma, ou se essa illuminação não é o proprio sentimento. São estas relações da moral e da revelação de que nos vamos occupar no seguinte capitulo.

CAPITULO IV

DA MORAL E DA REVELAÇÃO

O SENTIMENTO moral é a base de todas as virtudes.

E' a inspiração verdadeira que nos põe, sem o intermedio da sciencia ou do raciocinio, em communição directa e natural com a divindade; é o instincto celeste, que, como as mysticas azas dos anjos, nos arrebatá até ao throno do altissimo, e que mesmo n'este mundo nos deixa antecipadamente lograr os gozos reservados a seres superiores, e dá a nossa natureza caduca um como perfume de immortalidade, imprimindo-nos na fronte radiante o sello de uma gloriosa alliança.

E' a graça divina que nos soccorre indefectivel, o facho luminoso, que, melhor que o raciocinio, nos guia nas perplexidades como a columna de fogo a Israel nas vastidões do deserto; a propria voz de Deus que nos proclama a sua suprema vontade e nos dirige infallivel a nosso destino.

Tão poderoso affecto não podia escapar á attenção sagaz dos atilados philosophos da antiguidade; mencionam-o, distinguem-o, descrevem-o com clareza em muitos trechos.

E' até d'esses trechos cuidadosamente colligidos que Hutcheson pretende ingenuamente derivar a sua doutrina; não é porém incontestavelmente á antiguidade, é ao philosopho irlandez que a sciencia se reconhece devedora d'essa grande base da moralidade.

O nome de sentimento moral, dera-o, havia pouco, Shaftesbury ao proprio affecto; mas Hutcheson analysou-o com uma pericia e precisão anteriormente desconhecidas e que ainda posteriormente não foram, a meu vêr, egualadas.

Smith, seu successor, baixou, é-lhe em tudo inferior. O nome de sympathia que dá ao sentimento moral é demasiado generico; e o bello character de imparcialidade que lhe nota, confunde-se por vezes com a opinião que se tem das acções alheias; e parece assim o philosopho tomar como fim moral d'essas acções o desejo da estima estranha e da reputação; confusão esta que deu pretexto ás graves accusações, aliás improcedentes, que se tem dirigido á sensata escola escoceza.

Muito superior a estes grandes analyistas, pela vastidão de seu engenho metaphysico, o illustre Kant foi talvez menos apto para sondar os mysterios do coração humano. Empenhado sobretudo em dar aos preceitos força legislativa, descursa demasiado o sentimento.

A generalidade a que na *Critica da razão prática* pretende que mirem as nossas acções, não tem effectivamente esse poder, e se reduz á imparcialidade de Smith,

genuinamente interpretada; e por uma inconsequencia singular, o proprio philosopho confessa a insufficiencia da sua doutrina na *Religião nos limites da razão* declarando que a razão desajudada do sentimento é incapaz de se elevar á consciencia moral. Mas não é mister largas averiguações sobre o que os outros pensaram, nem mesmo sobre os principios das nossas proprias acções para reconhecer a maravilhosa efficacia d'esse sentimento.

Basta entrarmos em nós mesmos. Recolha-se cada um em si. Recorde-se do passado. E verá que quando tem a tomar qualquer decisão ha sempre um instincto secreto que o impelle para o bem; pois, obedecendo-lhe, segue após a obediencia ineffavel satisfação; reagindo contra elle, punge-nos o aculeo do remorso.

Mas o sentimento moral vae mais longe.

Contra o mal, onde quer que o encontremos, ferve em nós uma indignação generosa; e paladinos da innocencia opprimida correriamos a salvar todas as victimas, a castigar todas as tyrannias, se a gelida mão do egoismo nos não contivesse os brios com tristes conselhos de prudencia.

A indignação contra o mau não é virtude, é, quando muito, a passagem da região das trévas para a região de luz; é um affecto intermedio entre as ancias offegantes das paixões desregradas e a serenidade dos sentimentos verdadeiramente santos.

Esses onde brilham com todo o esplendor é na sollicitude com que amparam a desgraça, nos cuidados com que lhe desviam do caminho os abrolhos, nos carinhos com que a confortam e lançam nas almas doloridas o balsamo consolador de bem-fazejas esperanças.

A moralidade attinge seu mais subido auge no amor por tudo quanto soffre, na devoção por tudo que pede ser protegido.

Em breve ao proprio perverso, ao proprio criminoso abrange a chamma de seu fervor.

E' tambem elle um infeliz que pena, a quem tragam as entranhas monstruosas paixões; é uma alma que se estorce nas medonhas luctas do vicio a quem cumpre dar a placidez da consciencia e o refrigerio do bem.

Sem olhar para si, não vendo a aureola de sublimes perfeições que o cerca, o zelo de que se sente abrazado, o homem verdadeiramente virtuoso prega-o, impõe-o aos objectos das suas mais desveladas affeições; os quaes tende assim a modelar instinctivamente sobre si proprio dando-lhes as excellencias de que ignora estar revestido.

Essa força de expansão da virtude, esse ardente proselytismo é o que cria o missionario e o apostolo, é o que constitue realmente o revelador.

Dous attributos essenciaes o caracterizam.

Abnegação completa de si.

Amor dedicado pelo proximo.

A primeira qualidade é o lado subjectivo e como interior do missionario.

E' ella com effeito todo elle considerado relativamente a si, e melhor se chamará humildade do que abnegação, porque o missionario deseja a propria ventura, sómente em tudo se colloca depois dos outros, em tudo os prefere a si, sempre prompto a sacrificar-se pelo bem dos mais.

A segunda qualidade considera a acção do apostolo

sobre a sociedade; é ella que lhe dá efficacia, é a alma de sua missão.

O seu nome mais adequado seria philanthropia, se esse nome não tivesse sido abusivamente dado a apparatusas ostentações de uma beneficencia vaidosa, com que a sublime virtude nada tem que vêr. Conservar-lhe-hemos, portanto, o nome de caridade com que a designa o christianismo, bem que a palavra *charitas* signifique um sentimento mais especial e careça sempre de um complemento que determine o objecto a que é dirigido o affecto, como por exemplo *charitas ducis*, a dedicação dos soldados ao seu general.

Sem estas duas divinas virtudes é impossivel formar o typo do instituidor de uma religião verdadeiramente sancta.

Sem a humildade, a acção do apostolo deixa de ser grande e generosa, porque deixa de ser desinteressada. Desde que a alma reflecte sobre si um affecto, accommettem-a o egoismo e o orgulho, e a caridade efficaz desampara-a.

Nem se pense que essa objecção em que espontaneamente se colloca o missionario, lhe diminue o apreço; realça-o antes; e só por confundir dous generos de caracteres distinctos, é que Smith cahiu no deploravel erro de julgar que a abdicação da propria vontade era não virtude veneranda, mas fraqueza digna de dó.

O homem frouxo, prompto sempre a ceder a todas as exigencias exteriores, não nos merece estima; não porque sacrifica os seus interesses aos dos outros, mas porque com as incertezas e volubilidade das suas resoluções

sacrifica frequentemente os das proprias pessoas que lhe são mais caras.

Não é portanto a imparcialidade que o guia; cede a um medo egoista de luctas e discussões.

Podemos sympathisar com as suas aspirações, mas ri-mo-nos ou indignamo-nos, vendo que não resistem ao menor obstaculo que se oppõe á sua execução.

Nas *Femmes savantes* de Moliere, Chrysallo jubiloso das caricias com que se afagam a filha e o noivo, attrahe as affeições do espectador. O ridiculo só começa quando, aturdido pela acrimonia da esposa, se mostra prestes a consentir em contrariar esses amores que ainda agora o regosijavam. O pobre marido tem consciencia que não lhe fica airoso assim proceder; e ora quer illudir os outros e talvez a si mesmo; ora confessa quanto o amedronta o genio intractavel da esposa; e é n'esses vaivens e hesitações que sobresahe o cunho altamente comico d'este character tão primorosamente traçado.

Passando a assumptos mais serios, quanto não agrava as catastrophes politicas o character do principe que preside a uma nação em tempos de crise! Seria por ventura ensanguentada com tão medonhas carnicerias a grande revolução franceza, se Luiz XVI se houvesse desde o começo mostrado a par da situação sem hesitar, ora cedendo a perfidos desejos de inimigos da patria, ora transigindo com mais avisados e populares conselheiros?

Quanto mais nobre não foi o exemplo dado pelo illustre monarcha Luiz Philippe fugindo, embora ás occultas, da patria ao primeiro roncar da tormenta, sem dar um

passo para recuperar a corôa de que havia sido privado pela vontade soberana da nação!

Quanto mais gloriosa não foi a promptidão com que os filhos do rei desthronado reconheceram, sem vacillar, a legitimidade d'essa vontade e se submeteram a ella!

Por isso, afastados do poder conservaram de povos e soberanos o respeito que não podem obter a tyrannia e o despotismo.

Epictecto é escravo, obedece ás ordens caprichosas de seu senhor; mas reina pela virtude; e a veneração que lhe consagram contemporaneos e vindouros attinge as raias da adoração.

As provas porque Xantippo sujeita a paciencia de Socrates não lhe roubam a elle a estima dos discipulos, e a penna brilhante de Xenofonte apraz-se em recordar os preceitos com que, apezar das impertinencias da esposa, o grande philosopho inculcava ao filho o amor filial.

Emquanto os accommettidos ferem os nossos proprios direitos, não é vergonha, desaire nem cobardia soffrer as affrontas nem as injurias resignado; a resistencia só começa a ser um dever quando são interesses de estranhos que estão em perigo.

Jesus disse: « Não resistaes ao mau; se vos baterem em uma face, apresentae a outra; se alguém vos levar atraz de si durante mil passos, segui-o durante outros mil; se vos tirarem a capa entregae tambem a tunica. » (S. Matheus, 65, §. 39, 40, 41.)

E Purnâ, discipulo do Budha Çakia Muni, ao partir em missão, affiança que reputará bons os que o injuriarem, porque não o apedrejam, os que o apedrejarem, porque não o acutilam, os que o acutilarem, porque não

o matam, os que o matarem porque por meio de momentaneas dôres o livram do corpo miseravel que o impedia de se elevar á beatificação (Nirvana). (*Le Boudha*, por J. Barthélemy Saint Hilaire — pag. 96-97).

Esta paciencia e resignação a soffrer as injurias tem parecido exaggerada.

Os mais orthodoxos moralistas acham-se embaraçados para as explicar; confessam que não se devem tomar os preceitos á letra; que não se pretende tolher o direito da propria defeza; que apenas se tem em vista mostrar que se não devem fazer valer com grande afinco os proprios direitos.

Esses biocos, essas tergiversações, essas difficuldades, provém de se não ter sufficientemente considerado a posição excepcional do revelador e do missionario. Nem um nem outro podem fazer valer de modo algum os seus direitos. Toda a resistencia, todo o emprego de qualquer força seria um protesto violento contra os abusos existentes, ou contra a má execução das leis, ou contra a constituição d'ellas, e converteria uma revolução que deve ser toda interna e moral em uma revolução politica.

O missionario que usa da força para se defender deve empregal-a para atacar o mal onde quer que o encontre; a guerra torna-se assim um instrumento de proselytismo, considera-se santa; o mahometismo estendeu por esse meio o seu vasto imperio sobre o mundo; por isso o kalifado semelhou menos uma religião do que o dominio de uma dynastia, a qual, desde que o rigor do combate se extinguiu, e o fogo da conquista se amorteceu pela posse, perdeu todo o vigor porque lhe faltava

o germen de vida moral para cimentar a sua influencia sobre as nações subjogadas.

O homem que se resigna ás injurias, que busca as affrontas, os tormentos e o martyrio, é, na realidade, invencivel.

A tyrannia cança-se diante da constancia no soffrer. A propria perversidade pasma, recua em frente d'essa serenidade inesperada. E esse momento de retrocesso no mal é o começo de conversão para o bem.

A voz clamorosa de Jesus que transformou o perseguidor Saul no grande apóstolo das nações, manou das chagas do proto-martyr S. Estevão.

E quem não se recorda, nos *Miseraveis* de Victor Hugo, do maravilhoso character do bispo Myriel, o qual, seguindo litteralmente o preceito evangelico, negando ter sido roubado e acrescentando ao roubo espontaneos dons, converteu o ladrão João Valjean em um heroe de virtude?

Comtudo o homem deve repellir as affrontas; e o primeiro dever do cidadão é resistir á tyrannia. O sacrificio mesmo pelos outros, levado aos extremos que aconselha Jesus, a abnegação completa da propria individualidade, não póde ser principio fundamental de sociedade alguma humana.

Um paiz, cujos habitantes se sacrificassem todos uns pelos outros, seria incomprehensivel. Não haveria materia de sacrificio; a virtude ficaria sem exercicio.

Por outro lado, o triumpho perpetuo dos máos, a continua servidão dos homens virtuosos seria uma repugnante immoralidade.

Porque ha-de sempre dominar o crime? Porque, por

seu turno, não triumphará a virtude? Quem, mais do que ella, tem direito ao mando, á gloria, ás honras, aos gozos, á ventura? Porque não será o reino de Deus d'este mundo, se o mundo é uma creatura divina?

Finalmente, mesmo com a perspectiva dos esplendentes jubilos do céo, com os espantos do inferno, a alma humana não pode a todas as horas, em todos os instantes, abalançar-se a sublimes esforços.

O mundo não é composto unicamente de heroes e de santos, nem de victimas e soffrimentos.

Deus, esmaltando a terra de flores e fructos, dando ao homem a vastidão dos mares e o talento que doma as forças da natureza, não lhe disse unicamente: SOFFRE!

Mas: « multiplica, trabalha, opulenta-te, goza e faz partilhar os outros da tua ventura. »

Uma religião de lagrimas e expiações não póde, portanto, ser toda a tarefa do genero humano. E' apenas preparatorio para mais folgada porvir.

O missionario não é todo o homem.

Mas pela prédica infiltra nos animos a caridade que se impregna nos costumes e nas instituições, destróe antigos prejuizos, abate supremacias illegitimas, e unindo os homens com um laço fraternal, estende a todos os beneficios da civilisação que d'antes estavam concentrados sobre as castas privilegiadas e oppressoras.

Essas grandes transformações sociaes não são, porém, para as operar de persi o revelador.

E' preciso que as aspirações vagas do sentimento moral e religioso se symbolisem primeiro em ritos determinados, depois se formulem em dogmas que se incarnam na legislação.

o germen de vida moral para cimentar a sua influencia sobre as nações subjogadas.

O homem que se resigna ás injurias, que busca as affrontas, os tormentos e o martyrio, é, na realidade, invencivel.

A tyrannia cança-se diante da constancia no soffrer. A propria perversidade pasma, recua em frente d'essa serenidade inesperada. E esse momento de retrocesso no mal é o começo de conversão para o bem.

A voz clamorosa de Jesus que transformou o perseguidor Saul no grande apóstolo das nações, manou das chagas do proto-martyr S. Estevão.

E quem não se recorda, nos *Miseraveis* de Victor Hugo, do maravilhoso character do bispo Myriel, o qual, seguindo litteralmente o preceito evangelico, negando ter sido roubado e accrescentando ao roubo espontaneos dons, converteu o ladrão João Valjean em um heroe de virtude?

Comtudo o homem deve repellir as affrontas; e o primeiro dever do cidadão é resistir á tyrannia. O sacrificio mesmo pelos outros, levado aos extremos que aconselha Jesus, a abnegação completa da propria individualidade, não póde ser principio fundamental de sociedade alguma humana.

Um paiz, cujos habitantes se sacrificassem todos uns pelos outros, seria incomprehensivel. Não haveria materia de sacrificio; a virtude ficaria sem exercicio.

Por outro lado, o triumpho perpetuo dos máos, a continua servidão dos homens virtuosos seria uma repugnante immoralidade.

Porque ha-de sempre dominar o crime? Porque, por

seu turno, não triumphará a virtude? Quem, mais do que ella, tem direito ao mando, á gloria, ás honras, aos gozos, á ventura? Porque não será o reino de Deus d'este mundo, se o mundo é uma creatura divina?

Finalmente, mesmo com a perspectiva dos esplendentes jubilos do céo, com os espantos do inferno, a alma humana não pode a todas as horas, em todos os instantes, abalançar-se a sublimes esforços.

O mundo não é composto unicamente de heroes e de santos, nem de victimas e soffrimentos.

Deus, esmaltando a terra de flores e fructos, dando ao homem a vastidão dos mares e o talento que doma as forças da natureza, não lhe disse unicamente: SOFFRE!

Mas: « multiplica, trabalha, opulenta-te, goza e faz partilhar os outros da tua ventura. »

Uma religião de lagrimas e expiações não póde, portanto, ser toda a tarefa do genero humano. E' apenas preparatorio para mais folgada porvir.

O missionario não é todo o homem.

Mas pela prédica infiltra nos animos a caridade que se impregna nos costumes e nas instituições, destróe antigos prejuizos, abate supremacias illegitimas, e unindo os homens com um laço fraternal, estende a todos os beneficios da civilisação que d'antes estavam concentrados sobre as castas privilegiadas e oppressoras.

Essas grandes transformações sociaes não são, porém, para as operar de persi o revelador.

E' preciso que as aspirações vagas do sentimento moral e religioso se symbolisem primeiro em ritos determinados, depois se formulem em dogmas que se incarnam na legislação.

E' preciso que ao apostolo succeda o jurisconsulto e o theologo.

O ideal da cidade não o enxerga o sacerdote e o missionario.

São unicamente guiados pelo amor e a caridade, não sabem definir nem constituir a justiça.

Foi pois um sonho de Renan o delicioso quadro em que nos pinta as innocentes alegrias dos primeiros fieis de Galilea acercados em torno de Jesus antes d'este ser baptisado por S. João.

Não ha vestigio algum nos Evangelhos das predicas de Christo antes de ser baptisado.

Tudo, pelo contrario, leva a crêr que esse sacramento e a retirada para o deserto fossem o preludio da sua vida publica.

A propria idade de trinta annos que então attingira era assignada aos sacerdotes para o começo das suas funcções, como observa e confirma Lightfoot com exemplos notaveis.

Dado, porém, que fosse uma realidade todo esse admiravel idyllio que o grande escriptor phantasiou, e encheu de preceitos só posteriormente ensinados, não se poderia dizer que a figura de Jesus n'esse primeiro periodo de sua existencia nos apparecesse mais pura do que quando sellou com o seu sangue a sua sublime empreza.

Pois já vimos que esse gráo superior do sentimento moral que cria os apostolos e missionarios se prende necessariamente á propria acção.

E' portanto erro separar a unidade humana em duas metades distinctas: uma toda absorvida na contempla-

ção que elevam arbitrariamente a alturas inaccessiveis, outra toda prática subordinada ás exigencias do mundo, extenuada pela lucta, amargurada pelo travor das decepções.

Assim como a arvore se conhece pelos fructos, assim um character se deve avaliar pela actividade com que se apresenta na grande arena da historia. As faculdades do espirito e as aspirações da alma, manifestam-se, mais tarde ou mais cedo, no exterior, e só então adquirem a verdadeira realidade.

A vocação digna d'esse nome nunca se esvae, torna-se sempre effectiva, e, afinal, observa Hegel, o homem todo não é senão a serie de suas acções ¹.

Ainda mais.

Essa vida jubilosa e innocente dos primeiros amigos de Jesus não tinha as excellencias que pretendem.

Faltava-lhe o estimulo da propagação.

Os pastores de Galiléa podiam ser amaveis e bons, careciam porém da grandeza fecunda das primeiras communhões christãs, que essas, sim, realisaram os designios de seu divino mestre.

Nem é possivel legitimar a supposição que fazem Renan e outros auctores citados por Strauss de se ter ido alterando o character de Jesus.

Primeiro, pretendem, mostrava-se facil e indulgente; á medida, porém, que a exaltação e o entusiasmo se lhe accendia mais na alma irritada pelas contrariedades.

1. Grande Encyclopedia, § 44, apud. Vera logica, tom. 2.º, pag. 44. — Vê-se por tanto que Renan, que pretendem discipulo de Hegel, está loege de pensar como seu supposto mestre.

des que encontrava a sua obra, ia-se tornando melancolico e sombrio.

Logo nos primeiros tempos da sua carreira publica teve Christo a previsão da sua morte; e os dias de paz que junto d'elle gozam os discipulos, adverte-os que são transitorios, annunciando-lhes bem claramente os tormentos que tem de soffrer em seu nome.

Se ao aproximar-se a hora do passamento, a sua alma se contrista, não a desampara a sua inalteravel doçura, e as queixas que dirige aos apóstolos que adormeceram durante a oração do horto, não respiram o azedume da cólera, são antes repassadas da mais terna affeição.

Destoam singularmente do elevado character de Jesus e do tom grandioso d'essa oração, as idéas effeminadas que lhe substitue Renan.

Tanto o crente como o philosopho se escandalisam com essas liberdades da phantasia que rebaixam esse typo inexcedivel das perfeições humanas.

Jesus Christo, tal como nol-o retrataram os Evangelistas, esteve durante toda a sua existencia demasiado possuido da sua augusta missão para que se pudesse um só instante lembrar de se refugiar nas acanhadas condições do recinto domestico.

Os seus affectos abrangiam o genero humano. Os seus parentes, a sua familia eram os bons, eram os que obedeciam a seu pae celeste, os que educava e conduzia á eterna gloria.

Se no transe da agonia precursora do supplicio da cruz, pede que desviem de si o calix do martyrio, se nos horrores d'esse supplicio, a duvida lhe entenebrece um momento a alma; são perturbações passageiras d'essa

consciencia immaculada, é a reacção fatal do corpo sobre o espirito; mas se a carne é fraca, o espirito em breve se mostra resignado; e nas contorsões da morte um raio de satisfação divina lhe illumina o rosto, e n'uma palavra suprema transparece a firme convicção de ter consummado a grande obra da regeneração da humanidade.

As expressões das angustias de Jesus não tem sido tratadas com indulgencia pelos inimigos do christianismo.

Celso, Juliano e o demonio no Evangelho apocrypho de Nicodemo, declaram que um Deus não se devia assim lastimar; e nos tempos modernos o philosopho Vaini, caminhando para o supplicio, gloria-se de mostrar mais firmeza do que Christo.

O illustre Strauss colligiu todos esses textos, bem como as explicações dadas pelas diversas escólas theologicas.

Contentar-me-hei com citar a seguinte passagem em que expende doutrinas a que parece inclinar-se. O leitor verá com prazer que é um Santo Padre que apresenta a opinião mais accetavel:

« Em quanto Olshausen collocando-se no ponto de vista da egreja, decreta com soberania que a opinião que attribue a angustia de Jesus a um soffrimento exterior e corporeo, deve ser repellida como annullando a essencia do seu apparecimento sobre a terra ¹; outros (Ullman e

1. Alguns theologos pensaram que na agonia do horto Jesus soffrera unicamente pela previsão dos males por que teria de passar o genero humano; e que até experimentara todos esses males em espirito. Estas idéas tiveram grande voga entre os mysticos.

Hasert) reconheceram com mais fundamento que aqui se mostra o desejo instintivo de se esquivar aos horrores de um proximo martyrio, e o estremecimento da natureza corporea em face da sua destruição. De resto, contra o desaire que poderia resultar para Jesus, observaram alguns, e com razão, que o triumpho rapidamente obtido sobre os sentidos desvia qualquer apparencia de peccado, (Ullman) e o estremecimento da natureza sensivel diante da sua destruição pertence aos phenomenos essenciaes da vida (Hasert): — até quanto mais pura é a natureza humana em um individuo, tanto mais fortemente sente a dôr e a destruição (Luthero); finalmente, que a consciencia penetrante da dôr subjugada é mais nobre que uma insensibilidade estoica ou mesmo socratica (S. Ambrosio). (*Vida de Jesus*, tom. 2.º pag. 442). »

O orthodoxo mais severo nada aqui teria que censurar.

Infelizmente o grande critico não se apresenta sempre tão irreprehensivel.

Já notamos quanto a explicação mythica das narrações evangelicas era favoravel á verdadeira religião.

A figura sagrada de Christo, livre, é verdade, da sua auréola miraculosa e de todos os esplendores sobrenaturaes, mas depurada tambem de todas as fezes do charlatanismo e da impostura, desenhava-se vagamente no meio dos ornamentos com que a tinha recamado espontanea e successivamente a crença instintiva e ardente dos fieis.

Póde assim o homem do seculo XIX divisar, através da parte legendaria do Novo Testamento, da realidade do Christo quanto lhe baste para entreter e refocillar-

o seu fervor religioso, sem que a alma se afflija com o sentimento de impossibilidades physicas ou com a leitura de termos que rescendam a preconceitos proprios de épocas ignorantes.

Por certo o vulto venerando não se destaca com o mesmo vigor com que sobresaem os personagens dos tempos verdadeiramente historicos, não tem como elles as proporções e fórmãs tão marcadas e salientes; mas esse vago e nebuloso que cerca a Jesus, não impedem seus sublimes preceitos de communicarem ao christão de agora uma scintilla do zelo em que se accendiam os que ouviam a propria palavra divina.

A moral do Evangelho, as suas magnificas parabolãs, as prédicas de Christo nada perderam de seu valor; pairam acima das vicissitudes das tradições e legendas; é essa parte moral a parte immorredoura, eterna e verdadeiramente divina do livro santo.

A mais profunda sciencia dos tempos modernos não a tem podido superar.

Jesus, como prégador e como apostolo, não póde ser excedido.

Se, portanto, o homem sensato não póde crêr nas maravilhas sobrenaturaes do evangelho; se o homem escrupuloso receia desfigurar o caracter do Christo com vegetações da phantasia, tambem o philosopho não deve substituir a esse typo eterno da religião outro ideal que suppõe mais perfeito, como faz até certo ponto Strauss seguindo vacillante como guias ora Hegel, ora Schleiermacher.

O douto theologo é menos habil para edificar do que para destruir.

Quasi todo o seu edificio estava preparado pelos trabalhos de Lightfoot, de Schatgen, de Wetstein e pela interpretação anagogica dos doutores da Egreja.

Os primeiros, instigados pelo desejo natural de aproveitarem a sua erudição, gruparam em torno de cada facto evangelico todos os textos que com elle tinham mais proxima ou remota analogia; e os segundos consideravam geralmente cada personagem, cada successo da Biblia como uma allusão ao grande successo, á grande nova, á vinda de Christo á terra.

Jesus veio coroar a obra de Israel; a lei nova foi na realidade o que a fé antiga era apenas em figura. A escola mythica conservou estas premissas modificando-lhes unicamente a conclusão.

O que era causa, tornou-se effeito; o que era fim, resultado.

Na antiga crença o Mousaismo nascêra para preparar a religião christã; os prophetas appareceram em Israel para annunciarem o Messias. Segundo a doutrina moderna, o christianismo surgiu porque o Mousaismo o havia preparado. Jesus realisou em si e para os seus contemporaneos a figura do Messias porque os prophetas a tinham d'antemão traçado, e com ella alimentado as esperanças dos fieis.

Os materiaes accumulados pela erudição passada eram em todo o ponto aqui aproveitaveis; careciam porém de ser animados de novo espirito, considerados á luz de uma philosophia superior.

Ora sob esse aspecto, quando trata de oppôr a um dogma uma doutrina, a um motivo de crença um principio racional, o bello livro de Strauss, antes de tudo

critico e muito mais critico que theologico, contrariamente ao que pretende Renan, não se apresenta, a meu vêr, de uma maneira demasiado vantajosa.

Logo no prefacio deixa entrevêr certa doblez antipathica. O seu livro, segundo pensa, não destroe a essencia do christianismo para os theologos instruidos; quanto aos seculares ignorantes que o lerem, só lograrão, no desasocego da sua consciencia religiosa, o castigo merecido de uma louca temeridade.

Como se no seculo presente um livro podesse ser o privilegio de uma classe; como se toda a idêa posta uma vez em circulação, embora envolta em formidavel apparato de erudição, não encontrasse logo vulgarizadores que a levassem ás ultimas camadas sociaes!

E' preferivel o pensar que o critico obedece a um estimulo interior sem cuidar da utilidade ou applicação das suas doutrinas; porque aqui só se póde estranhar o desalento d'um espirito deslembrado de que é um dever manifestar todo o pensamento que se crê verdadeiro; pois é riqueza para a sociedade a acquisição de qualquer verdade.

Depois, na discussão dos milagres de Christo, o illustre escriptor parece como peado no meneio da philosophia que segue.

As expressões não se lhe encadeiam com facilidade. As idêas não se derivam suavemente umas das outras: andam aos sobressaltos; mostrando-se ora em translatos, ora em simples theses, ora em antinomias e contradicções.

Está, de certo, muito distante da firmeza de raciocinio que sobresahe nos antigos modêlos, e o admiravel

sexto capitulo do *Theologico politico* teria sido fructuosamente meditado pelo auctor.

E', porém, na dissertação final, na parte verdadeiramente theologica da sua obra, quando trata de fixar a significação dogmatica e a incarnação do Verbo, que mais avultam as pechas.

Para a philosophia a verdade do christianismo consiste em ser Jesus inexgotavel thesouro de inspirações religiosas; em ser o Evangelho fonte sempre viva, sempre caudal de consolações e de conselhos. Desde que se concebe um apostolo mais perfeito do que Christo; um ministerio superior á sua prédica, o christianismo caducou; ficou sendo uma religião do passado, pertencendo aos dominios da historia; outra religião virá em breve substituil-a, concedendo, todavia, que a humanidade precise ainda de religiões.

Para Strauss Jesus Christo é um homem, um grande homem na verdade, extraordinario portento que assombrosamente aperfeioou o sentimento religioso no mundo. Porém tambem nas outras provincias da intelligencia tem brilhado grandes vultos: tambem Alexandre, Cesar e Napoleão aperfeioaram a sciencia estrategica, tambem Mozart engrandeceu a harmonia, tambem Archimedes e Newton adiantaram as mathematicas.

E ha uma grande distancia entre as obras de Archimedes e de Newton, entre os planos de Alexandre, de Cesar, e de Napoleão, entre as concepções dos musicos antigos e dos modernos.

A força do talento póde ser a mesma entre dous engenhos de épocas remotas; mas a humanidade marchou no intervallo e a sciencia progrediu.

Os problemas a resolver complicaram-se, alargaram-se e sobretudo mudaram.

O homem dos tempos passados trazido á actualidade deve parecer antiquado.

Já não está em consonancia comnosco.

Um nosso contemporaneo sabe melhor fallar á nossa razão : é mais apto para fazer vibrar os nossos interesses e as nossas aspirações.

Portanto o padre que communga nas nossas idéas deve tambem ser mais proprio para excitar em nós a devoção do que Christo que já se perde na profundidade dos seculos ; e a humanidade no seu desenvolvimento progressivo não póde na esphera religiosa olhar unicamente para o passado, tem de pôr, como nos mais ramos do saber humano, as esperanças em futuros reformadores.

Embora copiando servilmente Hegel pretende o auctor que o passo essencial foi dado por Christo por serem na sua alma pela primeira vez unidos o divino e o humano.

Pois se o vago d'esta expressão permite n'ella englobar todas as opiniões, breves restricções significativas lhe retiram a amplidão primitiva.

Recusa-se a Jesus os attributos de impecavel e de infallivel, e reconhece-se até na sua consciencia um germen infinitamente pequeno das perturbações que nos individuos menos ricamente dotados engendram os desregramentos e os vicios.

Por outro lado assenta-se a securidade do crente em meras probabilidades : não ha mais a recear que um cometa venha batter de encontro á terra do que um novo apostolo faça no porvir esquecer a doutrina de Christo.

Atravéz de muitas cautelas, de muitas ambages, despoja-se de facto o christianismo do seu character absoluto e eterno para o desterrar na ordem das religiões transitorias que marcam apenas estadios no desenvolvimento moral da humanidade, e preludia-se assim ás escolas abertamente hostis a esta religião e a todos os devaneios que as deturpam.

Mas esses males e abusos (pois tem havido males gravissimos, tem-se dado abusos temerosos) não devem desviar o philosopho do racionalismo, como não o tem afastado do christianismo nem os horrores da inquisição, nem o zelo sanguinario dos Torquemadas.

O exercicio da razão não póde ser vedado só porque a razão individual é fallivel.

O erro, o abuso não deve desanimar o pensador; antes excital-o a redobrar de esforços, e no proprio erro dos que cahem na lucta encontrará remedio para proseguir com mais prudencia e segurança. Ora aqui, pelo que temos dito, descobre-se facilmente que a causa primordial do erro é confundirem a sciencia e a doutrina com a religião e o sentimento moral.

Um corpo de sciencia, por mais sublime que seja, nunca está ao abrigo das injurias do tempo. O livro do progresso volve uma pagina; e eil-a torna-se obsolêta, escassa e desfigurada. O que é immorredouro nas obras humanas é o que produz a inspiração immediata, o que não repousa sobre o raciocinio reflectido, é o sopro indizivel com que o genio sabe animar as suas creações, os grandiosos monumentos esculpturaes e architectonicos que nos legou a antiguidade, os caracteres em que atravéz dos idiomas desusados e costumes, que destôam

dos nossos, os grandes poetas nos souberam mostrar infinitas harmonias e exprimir sentimentos que ainda nos fazem palpitar o coração.

O que sobretudo não teme a morte são esses sentimentos.

Volvam seculos após seculos, destruam-se cidades, reinos, civilisações, e permanecerão sempre modêlos de dedicação patriótica, os Codros, os Decios, os Zopyros, os Egas Moniz; imitados por mui raros, excedidos por nenhuns.

Pois o que ha absoluto e immortal em Jesus é tambem o amor, a caridade, a humildade com que estremece e que préga aos seus.

Em intensidade não ha vencêl-o; pois, como diz Isaias, offerece a vida pela redempção dos que ama.

Em vastidão não ha superal-o; pois não se limita a um paiz, a uma época, estende-se á humanidade de todos os seculos por vir.

E diz Vico: « Ma gli uomini per la loro corrota natura essendo tiranneggiati dall'*amor proprio*, per lo quale non sieguono principalmente che la *propria utilità*; onde egli no volendo tutto l'utile per sè, e niuna parte per lo compagno, *non posson essi porre in conato le passioni per indirizzarle a giustizia*. Quindi stabiliamo che l'uomo nello *stato bestiale* ama solamente la sua salvezza; presa moglie, e fatti figliuoli, ama la sua salvezza con la *salvezza delle famiglie*; venuto a vita civile, ama la sua salvezza con la *salvezza della città*; distesi gl'imperj sopra più popoli, ama la sua salvezza con la *salvezza delle nazioni*; unite le nazioni in guerre, paci, alleanze, commerzj, ama la sua salvezza con la *salvezza di tutto*

il gener umano: l'uomo in tutte queste circostanze ama principalmente l'utilità propria: adunque non da altri che dalla Provvidenza divina deve esser tenuto dentro tali ordini a celebrare con giustizia la familiare, la civile e finalmente l'umana società: per li quali ordini, non potendo l'uomo conseguire ciò che vuole, almeno voglia conseguire ciò che dee della utilità, ch'è quel che dicesi giusto. Onde quella che regola tutto il giusto degli uomini è la giustizia divina, la quale ci è ministrata dalla Divina Provvidenza per conservare l'umana società.» (*Principj de scienza nuova*, lib. I, pag. 117-118. — *Stabilimento de' principj.*)

Se portanto Christo abrangeu em seu amor a todo o genero humano; se os seus desejos, as suas ambições iam todas a dar-lhe a santidade e a virtude, a sua missão era identica com os fins da providencia, e não se póde passar além.

Por certo Jesus não previu nem podia prevêr todas as evoluções por que a sociedade tem de passar antes de chegar a essa unidade fraternal por que a sua grande alma anhelava. Mas já o observamos; essa previsão pertence ao espirito, não ao coração.

O sentimento moral, essencialmente vago e indefinido, compativel com todas as intelligencias, com todos os grãos de civilisação, só reage instinctivamente contra esta, proporcionalmente á intensidade que possue.

E' por essa intensidade que se deve abalisar a grandeza do revelador; porque é ella que torna a sua acção efficaz.

Depois, quando a sagrada imagem se vae sumindo no passado, e desfazendo-se em ficções e legendas, os

preceitos vão também materializando-se em formulas liturgicas e rituaes, em ceremonias e sacramentos. Pois, como tão sagazmente notou Vico, é natural tendencia do povo revestir de fórma corporea os aphorismos dos sabios.

Errou porém o profundo pensador figurando os tempos primitivos dominados exclusivamente por sentimentos brutaes sem vislumbre de moralidade.

A doutrina de Vico, figurando a historia como a purificação dos instinctos grosseiros do homem pela intelligencia aguilhada das necessidades, é, quanto ao meu pensar, verdadeira; carece porém de ser impregnada da influencia de mais nobres affectos.

A primeira oração que o homem dirigiu a Deus não foi inspirada só pelo terror. Havia n'ella a crença instinctiva da sua bondade e justiça; a civilisação não é fada que tenha o condão de mudar a essencia das cousas, só póde desenvolver o que estava já em germen nas eras primitivas da humanidade.

Por isso ao lado do culto exterior se desenvolve a moral, passando successivamente da fórma gnomica ás fórmas analytica, psychologica e racional.

As pequenas communhões christãs a principio reunidas em um mesmo fervor, á medida que foram augmentando, e cuidando mais nos negocios do mundo, careceram de leis que regulassem as relações dos seus membros; as novas práticas foram-se definindo, e novo espirito penetrou nos habitos e nos costumes das gerações.

A sociedade sentiu-se toda interiormente transformada

e as constituições e os imperios abalados em seus fundamentos.

Mas já a nova religião é dominante; já o dogma, explicação embora incompleta da natureza e missão do revelador, e portanto da natureza de Deus e da sua providencia sobre o mundo, se vae alargando, subtilizando, convertendo em idéa racional. O fim da providencia assim descoberto tende necessariamente a incarnar-se nas leis civis, e verificar-se-ha a prophesia de Hegel. Soará a derradeira hora da religião, se as leis reflectirem completamente as doutrinas philosophicas, e sobretudo se as doutrinas philosophicas forem satisfactorias e adequadas.

Não póde porém tal acontecer.

Primeiro o homem não é sollicitado unicamente por sentimentos generosos que se dirigem ao bem geral; subjugam-o imperiosas necessidades tendentes á conservação do proprio individuo; e essas necessidades n'elle instigam paixões interesseiras e egoistas. São uteis essas paixões. Sem ellas e sem o amor da familia o homem não se teria lançado com tanto ardor em inauditas fadigas para criar as maravilhas da industria e conquistar os gozos e commodidades das épocas modernas. A caridade póde despir-se para cobrir a indigencia, mas é pouco dextra no commercio e mercancia. E' prodiga de consolações e de dons, mas não é tenaz e aferrada nos lucros. Arroja-se impavida aos perigos, mas não é ardente na labutação do trabalho.

Mesmo nas investigações scientificas não é o amor do proximo que estimula o sabio; e logo apoz o attractivo da propria verdade, apparece o sentimento egoista

que muitas vezes desgraçadamente degenera em orgulho e em desprezo pelos menos favorecidos do céo.

O prazer de uma descoberta é mais arido e concentrado do que o jubilo que se sente depois de uma bôa acção, o qual se expande em suave complacencia não para o merito do bemfeitor, mas para com o beneficiado.

O interesse individual representa por tanto uma parte do desenvolvimento da humanidade, e torna-se necessario para o progresso da civilisação material. Ora quanto mais baixo o homem está collocado na escala d'essa civilisação, quanto mais inerme se acha contra os rigores de uma natureza selvagem, tanto mais alto lhe bradam as precisões phisicas, tanto mais se escondem, se confundem e suffocam os instinctos moraes.

Por isso Vico, como já notámos, pensou que o homem foi elevado do estado selvagem á civilisação e á virtude por estimulos puramente interesseiros, e grande parte dos mythologos despojaram as religões polytheistas de todo o elemento moral.

Erro profundo.

O culto da natureza phisica tinha entre os antigos um character augusto. O olympto não se destacava da terra; mas a terra penetrava-se de um sopro divino.

Dominava a Fatalidade e não a Providencia; mas as terriveis Eumenides vingadoras do crime executavam os decretos do nume inexoravel.

E' só quando a abstracção despe as idéas moraes das fórmãs sob as quaes as divisa a phantasia, que a natureza perde a sua magestade e grandeza.

Privada dos attributos divinos cahe como morta sob o escalpelo da analyse e se decompõe em mil inanimadas forças; e os deuses vôm da vista dos antigos crentes para regiões inaccessiveis.

Mas nos tempos primitivos o sacerdote é na realidade inspirado, não é nem prestigiador nem hypocrita, e sacrificando a deuses grosseiros cumpre uma missão verdadeiramente santa.

Por tanto ainda no mais tosco feiticismo póde fulgir a virtude e elevar-se o incenso ao céo; e sem fundamentos exige Strauss que o dogma attinja o monotheismo para que se manifeste um typo puro de um revelador sobre a terra.

Nos horrores dos sertões tribus existem, contam viajantes, para as quaes os meios de existencia são tão precarios que a velhice é fatalmente n'ellas condemnada á morte. O pae sem forças para as lidas da vida escolhe o filho mais mimoso e caro para lhe terminar os soffrimentos. Esse acto que nos causa horror, consideram-o esses selvagens como dever. Porém quantas vezes um instincto superior não se tem revoltado contra tão nefanda cerimonia! O sentimento moral, a virtude póde pois romper os grilhões da selvageria, os preconceitos de crenças caducas, e através dos tempos subir até ao eterno e absoluto.

Mede-se pela intensidade com que apparece, não pelo gráo de civilisação da época em que se manifesta; pelo brilho que lança de si, não pela luz que reflectem os horisontes que o cercam.

Se porém a virtude não é producto do progresso material e intellectual da humanidade, este desembaraça-

lhe os passos e lhe facilita a acção, cujos resultados desenvolve, define e fixa em leis e constituições.

Sem o progresso material e intellectual poderia haver heroes e santos, não existiriam porém estados florescentes, fundados em leis justas e protectoras.

O interesse individual como incentivo d'esse progresso favorece portanto, ainda que indirectamente, a causa da virtude e da religião, mas só até certo ponto: sob muitos aspectos se lhes mostra hostil, porque obsta a essa união fraternal do genero humano fundada na caridade e na abnegação em que ellas põem os seus mais caros empenhos.

As sciencias naturaes, por conseguinte, que contemplam a natureza para a dominarem e enriquecerem o homem sem terem um olhar para a Providencia e para Deus; as doutrinas utilitarias e economicas que miram unicamente a essa riqueza a qual consideram como remuneração do trabalho de homens unidos entre si pelo interesse e não pela affeição, não podem ser de todo sympathicas aos que advogam com preferencia a causa do sentimento e do céo.

E' contra as idéas materialistas e utilitarias, consequencia inevitavel da exclusiva preocupação em assumptos de physica e de economia, que o philosopho offerece o seu apoio á religião; é contra essas tendencias manifestas do seculo que os verdadeiros crentes se devem reunir, como contra os seus mais temiveis ou antes unicos inimigos, sob o pendão do racionalismo.

Por outro lado o estudo da natureza divina é necessariamente inexgotavel, attenta a immensidade do assumpto. Na realidade, como já notámos, meditando na essen-

cia de Deus o homem não faz senão formar uma imagem á semelhança da propria alma : os fins que impõe á Providencia não são mais do que as tendencias que a sua organisação n'elle gerou e que a civilisação lhe desenvolveu ; e se a theologia se reduz a uma verdadeira psychologia humana, é tambem por isso mesmo a base de toda a constituição civil.

Explicar a divindade, explical-a cada vez mais racionalmente, eis em que se cifra a missão de toda a cogitação do homem, quer se considere como theologo, quer como philosopho, quer como legislador. Porque explicar a divindade é determinar o fim da Providencia e o destino da humanidade.

Mas essa sublime sciencia é escusada ao revelador, basta-lhe o sentimento para lhe animar as prédicas. Só pois, quando as novas crenças criaram raizes e se fixaram em ritos e ceremonias, e os conselhos e preceitos se desenvolveram em doutrinas moraes, só depois que a egreja elaborou e formulou o dogma, é que o philosopho o racionalisa e entrega os corollarios que d'elle deduz ao legislador para que este os applique á sociedade.

O homem propende geralmente a dar uma fórma corporea ás concepções do seu espirito por mais abstractas que estas sejam.

Demonstra-se esta verdade em physiologia, notando que a todo o acto intellectual acompanha uma affluencia de sangue ao cerebro, e por isso, na ausencia de impressões de fóra, existem excitações no interior do organismo ; e tanto estas como as primeiras podem produzir idéas sensiveis. A causa psychologica e verdadeira

do facto consiste na preguiça do nosso entendimento que não atura longos esforços de arduas meditações metaphysicas.

D'ahi vem que as idéas degeneram breve em imagens; que toda a aspiração moral, todo o dever se converte rapidamente em apophethgmas proverbias; d'ahi vem a tendencia que temos de nos deixar cahir sob o jugo da rotina e do habito.

E' a materia que nos invade por toda a parte; o corpo que sopeia a alma.

Portanto, duas forças presidem á marcha da sociedade. Por um lado o sentimento moral encaminha o homem mysteriosamente ao seu destino que a intelligencia se esforça em fixar. Por outro a parte puramente sensitiva da consciencia como que paralysa esse progresso e agrilhôa o homem á materia; mas esse entorpecimento é só apparente.

As fórmulas grosseiras que revestem o sentimento e a intelligencia são a condição necessaria da sua effusão; são o vehiculo que os levam aos ultimos confins do corpo social.

Sem o reconhecimento d'essas duas forças nada se explica do andamento da humanidade; nem as phases por que passa, nem mesmo em que consiste o seu progresso.

Admittindo-as, tudo se aclara.

A Revelação inspira-se do sentimento moral.

Os ritos e as ceremonias do culto são producto da parte sensitiva da alma.

A intelligencia tenta elevar esses symbolos a noções claras e convertêl-os em leis; porém antes d'essa transformação por uma lenta mas continua elaboração a parte

symbolica do culto, no que elle tinha ainda de moral, foi-se impregnando na sociedade, destacando-a assim da antiga civilisação e preparando-a para um novo modo de ser.

A maxima de Dion Cassio predilecta da escola historica, — o costume é rei; a lei tyranno (apud. Vico, pag. 106 a 104.) — é ainda consequencia immediata d'esta doutrina; a qual porém apresenta-a como effeito de causas bem determinadas, ao passo que Vico a deduz a grande custo de mysteriosos instinctos e de illusorias comparações. Concebendo a Providencia de fóra do Universo guiando a humanidade, julga ter descoberto nas leis eternas da historia, a sciencia do progresso social, porém, as causas immediatas d'esse progresso, d'essas leis, desconhece-as tomando-as pelos sentimentos mais grosseiros. O sopro divino adeja por cima das regiões terrestres, mas não penetra o mundo no systema d'este bello e vasto engenho que priva assim o genero humano do seu mais sublime attributo.

Como dissemos, a civilisação não cria.

Se o temor de Deus tira os homens dos bosques e os reune em cidades, se lhes muda amores vagos e brutaes na santidade do matrimonio, é porque, conjunctamente com o temor de Deus, estão gravados nos corações os sentimentos de justiça e de pudor.

Se fosse só o roncar do trovão que suscitasse ao selvagem a idéa de Deus, se Deus fosse para elle unicamente um despota omnipotente e caprichoso, poderia o homem esconder-se, sim, da vista d'elle nas profundidades das cavernas; mas para que se haveria cohibir de

praticar actos que não tinha razão de suppôr provocarem mais do que outros quaesquer as iras celestes?

Haveria um effeito sem causa. Haveria um facto sem razão de ser.

— Na verdade: prefiro a tradição hebraica.

Adão e Eva só reconhecem que estão nús depois que comeram o fructo da sciencia do bem e do mal.

Ha aqui mais estudo psychologico que na concepção do grande Vico!

Depois, que singular progresso é esse das nações, as quaes sentindo primeiro o necessario, depois procurando o util, ambicionando o commodo e deleitando-se nos prazeres, corrompem por tal fórma o seu character e os seus teres que para se regenerar precisam de voltar á primitiva simplicidade e rudeza? (Vico, pag. 93 e 493.)

Seria condemnar o genero humano ao incessante supplicio de Sisypho e converter o trama de seus destinos em verdadeira teia de Penelope.

Se tratando da origem da civilisação o engenhoso escriptor não encontra embarços, imaginando que os descendentes de Noé, depois do diluvio cahiram rapidamente em um embrutecimento selvagem, e desviando da regra geral o povo hebreu como assistido sobrenaturalmente de Deus; quando explica a idade media como uma reaparição dos tempos barbaros ou divinos, cercam-o mil difficuldades insoluveis.

Os tempos primitivos podia-os Vico affeiçoar a seu talante, interpretando com maravilhosa arte textos de auctores mui posteriores; a nova época, apezar de a re-

putar mais tenebrosa que essas nebulosas eras, apparece-lhe com toda a sua realidade indomavel.

Ha ahi sobretudo manifesta a influencia do christianismo; o qual n'esse systema incompleto opera simplesmente como as religiões antigas.

De facto Vico não vê a efficacia moral das crenças; julga que a Providencia eleva unicamente por meio de symbolos grosseiros o homem ás virtudes sociaes; e por isso, apezar da sua apparente submissão á egreja, não tem sido bem aceito dos escriptores orthodoxos.

Já na historia antiga, por um descuido, ou antes tendencia inevitavel de um espirito arrojado, sujeita por vezes os hebreus á craveira commum dos outros povos.

Mas o que para com o judaismo é liberdade sensata, é desacato, é mais, é erro relativamente á religião christã.

O christianismo não se póde nivelar com os cultos polytheistas da Grecia.

N'elle sobresahe incomparavelmente mais a moralidade; bem que aquelles não fossem de todo destituídos d'ella, nem culto algum o possa ser.

Os defeitos do systema philosophico de Vico, podem-se, até certo ponto, comparar aos da sua erudição.

Vico ignora as finuras da linguistica moderna; não sabe analysar um texto com a pericia dos nossos dias, nem o collocar no seu verdadeiro logar; desconhece a influencia dos climas, das raças, confunde até por vezes as épocas; vê tudo em grandes massas, mas o seu olhar é o olhar da aguia; e em suas interpretações, embora erroneas ou incompletas, fuzilam clarões só proprios dos genios de primeira ordem destinados a abrirem novo

caminho ás sciencias, e o fazem primar, na minha opinião, sobre os seus mais doutos e engenhosos successores.

O mesmo character synthetico, a mesma impotencia em dividir e analysar se nota na sua philosophia; sómente ahi o talento afrouxa, o brilho do engenho se embacia, o espirito se entorpece; as maravilhosas concepções de Platão e de Aristoteles passaram por elle sem deixarem após si rasto algum: desconhece de todo a poderosa e palpitante influencia de Descartes; e o grande author do *Theologico politico* e da *Ethica* é tido como impio desprezível, incapaz de se elevar ás idéas de providencia e de direito ¹.

Vico proclama-se discipulo de Bacon, e descamba, de facto, para as doutrinas de Epicuro e de Locke.

Se não detivesse a Providencia no adito da alma humana; se n'ella deixasse penetrar mais fundo o seu bemfazejo influxo; se não se contentasse de comparar o despontar da civilisação dos povos com o da razão nas crianças, explicando assim um mysterio com outro mysterio, se olhasse mais em torno de si e visse desenvolverem-se pouco a pouco as lendas, os mythos, as tradições, — os grupos gigantescos que na sua phantasia se condensam nos tempos primitivos, se desbastariam espalhando-se por todas as épocas, os heroes tomariam proporções mais humanas; o passado se diferenciaria menos do presente, as maravilhosas faculdades que á custa das leis psychologicas e physicas attribue ás eras primitivas, se desvaneceriam; alguns absurdos e paradoxos que maculam o seu bello livro, deixariam de existir:

1. Esta pretensão de rebaixar Spinoza vae-se outra vez tornando moda.

alguns vultos passariam do estado de mytho ao da realidade historica.

O proprio Homero perderia talvez o character symbolico, e ficando sempre representando os sentimentos da Grecia, recuperaria o cunho da arte e do talento reflectido e individual.

Ha na doutrina de Vico e na de muitos sectarios da escola historica o mesmo erro que commettem os fautores de certas theorias geologicas. Attribuem a imaginaria intensidade de forças o que na realidade é produzido pela continuada acção do tempo.

As leis do mundo não mudam : são immutaveis como o seu auctor : nem a força plastica da natureza cessou : no momento em que traço estas linhas mil seres se geram nas diversas esphas do universo, quer physico, quer moral, quer religioso, quer intellectual.

Esse montão enorme de tradições, lendas, crenças, ritos e superstições que nos vem das mais remotas eras, não é obra terminada, nossos paes tiveram n'ella parte, nós transmittil-a-hemos accrescentada á posteridade que a continuará indefinidamente.

Por certo a severa disciplina da sciencia coaduna-se pouco com os caprichos da phantasia. O povo é mais inspirado poeta que o philosopho ; mas o philosopho não é philosopho a todos os instantes, sente, soffre, goza e deseja como o vulgo ; e a alma que se abandona mais espontaneamente aos instinctos, tambem por vezes reflecte e raciocina.

A religião é de todos, porque todos temos o sentimento religioso ; o culto exterior carecemos d'elle porque é a satisfação e a manifestação d'este instincto.

Nas épocas menos civilizadas talvez não haja mais crenças e devoção; é esta porém mais palpavel: as formulas são mais concretas; as ceremonias mais grosseiras.

Ha grande differença entre os sacrificios de Moloch e as festas de Eleusis, entre a procissão da deusa Bowsany e as pompas da semana santa no Vaticano.

Vê-se, pois, em que consiste o progresso; é a razão infiltrando-se nas crenças, nos ritos, nos costumes e nas leis; é a sciencia asenhoreando-se cada vez mais da sociedade, modificando continuamente o seu modo de ser sem destruir nenhum dos principios do ser humano.

Os ritos nos sacramentos, que são a parte caduca, como vimos, da religião, podem mudar, os dogmas podem-se transformar sem lhe atacar a essencia, porém desde que os principios moraes de uma religião ficam inferiores ás doutrinas da philosophia reinante, essa religião perde toda a efficacia e perece: a sociedade tem então de passar por uma crise; um revelador torna-se necessario ao mundo; e está prestes a apparecer.

Foi esse o caso que se deu ao terminar o mundo pagão; a moral, tal como a ensinaram Socrates, Platão, Aristoteles e a escola estoica, havia-se de muito vantajado sobre as proprias iniciações nos mais augustos mysterios, o polytheismo ficava áquem da civilisação; os deuses empallideciam; os oraculos calavam-se ou cediam a pressões politicas; as ceremonias perdiam a sua antiga authoridade nos espiritos que anciavam por uma brisa mais pura; sussurrava em todos os animos como anhele de grandioso successo; sentia-se, observa o eloquente Renan, a incubação de espantosa maravilha, e

a expectativa chegára ao seu auge quando Jesus Christo nasceu.

Desde essa época os preceitos religiosos tem sempre estado muito além da sociedade e dos costumes ; o evangelho paira ainda em horisonte longinquo como typo de irrealisavel perfeição, e o reinado do Deus dos christãos está ainda mui distante da terra.

Em quanto existir esta excellencia ha de haver progresso incessante, quer as leis primem sobre os costumes, quer os costumes sobrepujem as leis ; porque será sempre bemfazeja a sua reciproca influencia.

Se os costumes são superiores ás leis, a sociedade reforma-se exteriormente por meio de revoluções politicas e de novas codificações. Se os costumes são somenos, as leis amansam-os e melhoram-os ; o homem vae-se habituando a sujeitar-se á legalidade, e, contrariamente ao que diz Vico, não só faz o que deve, mas quer fazel-o.

Ha, pois, uma tendencia de harmonisar a lei e a vontade do cidadão ; e, á medida que essa harmonia se estabelece, vae a auctoridade perdendo o que tinha duro e violento e como entranhando-se no âmago social e as nações tornando-se mais livres e isentas.

Quando o sentimento interno e a lei estiverem completamente identificados, quando a obediencia fôr voluntaria de todo e a coacção externa desaparecer, o estado attingirá a plenitude da sua perfeição formal ; para que se dê, porém, a perfeição material ou de essencia, é mister que n'elle se realise a justiça.

Se a justiça fosse idéa pura derivada do raciocinio e da meditação, seriam as religiões escusadas ; e, como

já dissemos, a sciencia succederia á fé e a doutrina hegeliana seria rigorosa verdade.

Como, porém, para sentirmos a justiça precisamos que nol-a ministre o sentimento moral em formulas symbolicas, regulamentos e preceitos, são indispensaveis apóstolos que nol-o venham avivar.

Por certo o sentimento basta e é tudo; mas a religião não é senão a expressão symbolica do sentimento; e é porque este é impotente de passar todo, em uma dada época, á forma de idéa e de preceitos, que a religião é uma cousa necessaria e real.

Chegou já, ou chegará acaso um dia em que o sentimento se converta todo em formulas racionaes; em que os affectos não encerrem mysterios, em que o fim da humanidade appareça claro á sciencia?

Virá tempo em que já não refocillarão a nossa alma os grandes exemplos do passado e as tocantes parabolias evangelicas?

Virá tempo em que a veneranda imagem de Christo se descolore a nossos olhos, e em que o fervor excitado em nós pelas sagradas paginas arrefeça ao sopro de uma razão superior?

E' questão que de novo se apresenta á tela da discussão, e que, pelo que temos dito, está resolvida. Examinemos porém ainda assim mais detidamente as condições necessarias para que a acção de um revelador deixe de ser transitoria, para que fique persistente sem receiar os progressos da sociedade, antes acompanhando-a sempre e precedendo-a em sua marcha, estendendo-se pelos seculos sem fim; examinemos se essas condições se deram realmente em Jesus.

Um d'esses requisitos, é, como dissemos, a caridade; a caridade abrangendo a todo o genero humao, e acrescentámos que não se podia passar além.

Missionarios, verdade é, tem havido que estenderam aos brutos irracionaes e aos objectos inanimados as suas sympathias: essa exuberancia de sentimento offerece porém o que é de artificial e exaggerado que pouco se compadece com os nossos instinctos.

Os soffrimentos dos animaes podem inspirar-nos dó, e os direitos que sobre elles exercemos demonstram-se difficilmente (quaes são, porém os direitos que se podem com facilidade provar?) mas a inflexivel necessidade obriga-nos a fazer d'elles instrumentos das nossas precisões.

Não podemos reconhecer n'elles um destino interno, não são finalidades propriamente taes, não tem um fim seu actual, não attingem pela consciencia esse elemento divino que constitue a personalidade humana.

Não passemos, pois, nos nossos affectos, além da humanidade, mas comprehendamos n'elles a ella toda; amemos a todos os homens, consideremol-os como nosso proximo, como nossos irmãos.

Tal é o preceito divino, tal é a lei e o exemplo que nos deu Jesus.

A vehemencia d'esse amor não podia n'elle ser excedida, pois estava prompto a sacrificar a todos os instantes pelos homens a propria vida, e anhelava unil-os nos affectos pela virtude com o Summo Bem de que a sua alma immaculada nunca se havia separado.

De todos os que soffrem, de todos os que choram, dos indigentes, dos opprimidos a alma melancolica e com

passiva de Christo formou um cenaculo de santos de que constituiu o reino de seu Pae celeste, dourando-lhes o futuro de jubilos incessantes annunciados em prédicas de maviosa ternura.

Quando se realizará esse glorioso porvir?

Segundo a interpretação mais natural de um texto de S. Marcos, ninguem o sabe: é segredo reservado por Deus.

Não será porém sobre a terra, porque não é d'este mundo o reinado da virtude e o seu.

Cria portanto Jesus na immortalidade da alma e na recompensa dos bons na outra vida. Será essa crença necessaria ao revelador?

Rigorosamente parece que não.

O que constitue o apostolo é o seu amor pelos homens, e os seus esforços para os converter á virtude; pouco importa que na sua mente esteja a ella ligada a desgraça ou a ventura.

Importa porém muito aos indeleveis instinctos do coração humano.

Não façamos o homem melhor, ou, antes, differente do que sahiu das mãos do seu divino auctor.

O desejo da propria felicidade é inseparavel de nossos affectos; e por isso dissemos que mais a humildade do que a abnegação completa de si era exigivel ao revelador, e a Egreja condemnou os excessos do *amor puro* de Deus.

Se, pois, a crença na vida futura não é indispensavel ao apostolo, é-o á efficacia da sua predica sobre os fieis.

Ha todavia um respeitavel exemplo que parece contrastar esta these.

Na opinião de Eugenio Burnouf e de outros abalissados orientalistas, a religião do Budha Çakia Muni não admittia a immortalidade da alma, e a beatificação ou nirvana consistia unicamente na anniquilação da consciencia ¹.

Com a vénia de tão illustres escriptores, estaríamos antes inclinados a crêr que as escolas chins, ou antes indias, hajam affeioado aos proprios moldes as crenças do sancto missionario; a idêa primitivamente existia, sem comtudo ter as vivas côres de que a revestiram n'outros climas imaginações mais opulentas; a abstracção metaphysica de doutos, propensos ao quietismo, foi-a depois extenuando até a reduzir ao nada.

Prefiro este modo de vêr a privar tão extensas regiões de um instincto essencial á humanidade.

Se todavia convem que o revelador creia nas recompensas da vida futura; não deve sobre ellas fixar demasiado a sua attenção: pois segundo o seu espirito fôr propenso ás imagens risonhas ou ás especulações abstractas, facilmente os jubilos celestes se converterão em prazeres sensuaes, como os imaginaram o mahometismo e algumas seitas gnosticas, ou se subtilisarão na absorpção da alma em Deus; e d'ahi até á anniquilação budhista, para a qual resvalam de resto todas as doutrinas idealistas e pantheistas, não ha senão um passo.

Pouco importa que em seu espirito essa crença conserve fórmias indecisas. A poesia popular virá depois entre os fieis dar-lhe mais precisão; e nos contará as magnificencias da côrte de Deus.

1. Escusado é dizer que na religião popular apparece o céu e o inferno; o inferno principalmente.

O que importa, o que é indispensavel é que o apóstolo tenha fé viva em sua obra, na auctoridade da sua palavra, na divindade da sua missão; que se julgue verdadeiro enviado de Deus; que se considere obrigado por mandato expresso do Creador, como se reputava Ezechiel. Pois nenhum propheta é mais terminante n'este ponto:

16. Cum autem pertransissent septem dies — diz o grande propheta — factum est verbum domini ad me, dicens:

17. Fili hominis speculatorem dedi te domui Israel; et audies de ore meo verbum et annuntiabis eis ex me.

18. Si dicente me ad impium: morte morieris; — non annuntiaveris ei neque locutus fueris ut avertatur a via sua impia et vivat; ipse impius in iniquitate sua morietur; sanguinem autem ejus de manu tua requiram.

19. Si autem annuntiaveris impio et ille non fuerit conversus ab iniquitate sua et a via sua impia, ipse quidem in iniquitate sua morietur; tu autem animam tuam liberasti.

20. Sed et si conversus justus ex justitia sua fuerit et fecerit iniquitatem, ponam offendiculum coram eo, ipse morietur: quia non annuntiasti ei, in peccato suo morietur; et non erunt in memoria justitiæ ejus quas fecit; sanguinem vero ejus de manu tua requiram.

21. Si autem tu annuntiaveris justo ut non peccet justus, et ille non peccaverit; vivens vivet, quia annuntiasti ei, et tu animam tuam liberasti. (Ezechiel, cap. 3.º)

Ouviria realmente o propheta uma voz, fallar-lhe-ia

Deus? Ou manifestar-lhe-ia unicamente em sonhos a sua vontade?

Ou seria tudo isto estylo figurado como o seu rapto em espirito que abaixo menciona, como as allegorias das prostitutas Oola e Ooliba, em que evidentemente personifica a corrupção das cidades, a que dirige as suas prédicas?

Não o discutiremos: o texto foi unicamente aqui trazido para mostrar o que constitue o propheta,—a obrigação reconhecida da prédica, determinada por mandato expresso de Deus.

Rigorosamente, desde que vemos ensejo para praticar uma acção bôa ou para dar um conselho salutar, sentimos egualmente a obrigação de assim proceder.

São os instinctos interesseiros que tolhem em nós a vocação, como a má herva parasita afoga a bôa semente lançada á terra. Sem elles reconheceríamos que nos é muito exigido, a nossa vocação se alargaria e nos elevaríamos todos ao apostolado.

Dizer que uma idêa é verdadeira, que uma acção é bôa e justa, ou que é inspirada por Deus vale exactamente o mesmo. Não se carece de apregoadas façanhas para n'ellas se notar o sello divino.

Deus não se manifesta melhor nos successos que revolucionam o mundo do que nas mais obscuras virtudes; o que parece desconhecer Bouchitté em um artigo recheado aliás da mais bella e philosophica doutrina, que com essas concessões timoratas altera e attenua (*Dicc. da convers. art. REVELAÇÃO*).

Mas o modo porque o apostolo julga que Deus o illu-

mina e inspira, depende todo do gráo do seu desenvolvimento intellectual, do seu character e temperamento e da força da sua imaginação.

Crer que Deus apparece sob fórma corporea, e pronuncia palavras sensiveis ; toda a visão d'anjos, toda a theophania é hallucinação.

N'esses casos a razão póde estar sã ; o organismo physico soffre porém algum desmancho. Para que a alma tenha percepções a que não corresponda um objecto exterior, é necessario que no cérebro se dê uma sobreexcitação anormal.

Por isso, comquanto esse orgasmo enthusiastico não seja fundamentalmente incompativel com a missão do revelador ; longe de lhe offerecer vantagens é-lhe altamente prejudicial.

Sem os prodigios que o cercam, as intenções de Mahomet teriam sido menos suspeitas á posteridade ; — e os proprios arrobamentos do extasis separam do mundo, e não favorecem a caridade, como se póde vêr nas luctas que contra o espirito de orgulho teve que sustentar S. Thereza por causa dos dons excepçionaes de que se suppunha favorecida.

Dotado de menor gráo de imaginação, o revelador póde ainda assim dar a tudo o que o cerca uma significação que se refira ao seu apostolado.

Tudo toma assim a seus olhos um character extraordinario, mysterioso e divino. No successo mais natural divisa uma ordem terminante do céu ; reconhece um oraculo que lhe prognostica com certeza o futuro. D'esse modo vogou muito tempo, e talvez ainda vogue entre os judeus e se estenda aos outros povos, a famosa supers-

tição da *Bath Kol* ou filha da voz. Sahindo-se de orar no recinto sagrado, a primeira palavra que se ouvia era resposta ao pedido que se havia dirigido a Deus. Vê-se quanto a soltura da phantasia dava latitude ao agoiro, e quanto devia por isso mesmo contribuir para a sua longa duração.

Essa idéa que os acontecimentos terrestres se dirigem todos a um fim superior, é moral, é verdadeira e philosophica; n'ella faz residir Schleiermacher a essencia da religião, e no fundo é a doutrina platonica, acima mencionada, que aconselha investigar o principio divino das cousas.

Mas é falso pretender que os phenomenos materiaes nos podem pôr em mais directa e immediata communição com Deus do que a razão e o sentimento moral, porque é a razão e o sentimento que nos aproximam mais do céo, como o demonstrou o mesmo Platão e no que tanto insiste o invencivel Spinoza.

Porém essa doutrina metaphysica, baseada na immutabilidade divina e no modo de operar da providencia sobre o mundo, não carece d'ella o revelador; a sua alma transborda demasiado de amor para que possa achar gosto e lazer de se occupar de esterilisoras sciencias.

Lendo os evangelhos, a idéa que formamos de Jesus é que elle se attribuia um poder sobrenatural, e que julgava os milagres que praticava, provas inabalaveis do seu character messianico. Esperava morte attribulada e ignominiosa, mas depois d'ella proximo porvir de gloria, em que contemplando sem véo as celestes verdades, elle reinasse pelo amor sobre a humanidade regenerada; parece porém que não era ao mundo, mas a uma região

mais sublime, que estava reservado tão venturoso destino.

Se quizermos conservar do Christo um conceito que permaneça sempre superior a qualquer gráo de civilização, é preciso deixar no vago e na incerteza, como dissemos já, todas as suas crenças dogmaticas, e reduzir a tradição aos preceitos moraes.

Suppondo porém um todo continuo desde Jesus Christo até aos apóstolos, o vulto de Christo não póde ficar typo eterno de perfeições intellectuaes, mas modêlo imperfecto e transitorio.

Instituidor de uma religião santa, mas espirito limitado, inspirou-se dos prophetas e do espirito da lei moisaica; a propria hermeneutica de que usa, tem os defeitos da dos rabbinos do seu tempo. A idéa de uma proxima destruição do mundo e de um renovamento total da criação, são illusões que partilha com os primeiros fieis e apóstolos, esperanças lisongeiras, mas vãs, com que se animavam na prédica e se sustentavam no martyrio.

Pois dos redactores dos Evangelhos e dos apóstolos de que possuímos escriptos authenticos a infallibilidade doutrinal não se discute.

Reunidos em Jerusalém em pequeno grupo os fieis, lamentavam a morte do seu santo mestre; a dolorosa imagem do seu supplicio e agonia, pintava-se-lhes na imaginação e mais lhes exacerbava as angustias; recordavam entre si as ultimas palavras que lhe ouviram; rememoravam as suas prédicas tão cheias de uncção, as suas acções tão repassadas de caridade; e toda a sua vida, modêlo de inapreciaveis virtudes, se lhes desenro-

lava na memoria e mais lhes punham as saudades e lhes calava o desalento nas almas. Estão perdidas todas as esperanças de melhor futuro; uma morte deshonrosa tornou impossivel o promettido reinado de paz e gloria. Ou será todavia essa morte aviltante preludio de verdadeiro triumpho? Será o supplicio infame da cruz exaltação ao céo? A meditação tornava-se aqui mais profunda; nas palavras e acções de Jesus entreviam um sentido mais sublime. A luz começava a raiar n'esses entendimentos rudes. As trévas por fim se dissipavam; as vendas cahiam; o Christo brilhava aos olhos d'elles em todo o esplendor e magestade, e o paracleto penetrava-lhes nos corações.

Eram já outros homens confortados pelo zelo de propagarem a fé que lhes ardia nos peitos.

Já a Judea não bastava ao seu fervôr, ao mundo inteiro se estendia a sua caridade sem limites. A nova religião estava fundada sobre inabalaveis alicerces; a arvore da bôa nova florescia porque estendera as raizes até aos corações de invenciveis apóstolos.

Esse nucleo da sociedade christã assim formada, esperançada no proximo reinado de Deus, na proxima vinda do supremo juiz, não tinha olhos para os encantos do mundo. Os proselytos ricos entregavam os bens á comunidade; e os mais pobres eram tidos em tanta consideração como os mais opulentos. A egualdade e a fraternidade presidiam aos agapes unidas ao fervor religioso, e a oração e os canticos terminavam esses banquetes dos santos, pois assim se chamavam entre si os christãos e mereciam tal nome.

Não que esse quadro de virtudes fosse completamente sem sombras.

Os ricos, ás vezes, recalcitravam, mas eram severamente reprehendidos; devassos e torpes se introduziam nas reuniões dos crentes, mas eram em breve expulsos e admoestados os que com elles tinham tracto.

Desde que a nova religião se estendeu á Grecia, a natureza de Christo foi para a argucia hellenica thema de mil subtilezas que engendraram numerosas seitas; sobretudo a preeminencia que sobre os gentios se arrogavam os Judeus, como filhos da lei, como povo escolhido, deu logar a graves dissensões. S. Paulo indignava-se contra essas desordens que affligiam a nascente Egreja. Espirito vasto e robusto, coração generoso e desinteressado, character em tudo grande, talvez em demasia arrebatado, absoluto e inclinado a alardear as eminentes qualidades que possuia, esforçava-se por sanar o mal. Mas debalde bradava que não são as ceremonias da lei, é a fé que nos ha-de salvar.

Animos dispostos á prevaricação convertiam em veneno as sensatas palavras do apostolo; e a absurda doutrina apresentada dezeseis seculos mais tarde por Lutthero, que — « não precisamos de boas obras, mas só de fé para nos justificarmos » — era apregoada tão abertamente, que S. Thiago viu-se obrigado a censurar com acrimonia estes erros e seu supposto auctor.

Porém o espirito conciliador do redactor da 2.^a epistola de S. Pedro vem harmonisar e encobrir essas escandalosas dissensões entre os chefes da Egreja, dissensões que de certo já por mais de uma vez haviam rebentado. Porém essas manchas e defeitos, inherentes a tudo o

que é humano, não podem eclipsar as virtudes que distinguem os primeiros christãos. Sociedade verdadeiramente á parte que no meio da corrupção do tempo se soube conservar pura só pelo amor do bem, sem carecer do rigor penal!

Os apóstolos contentavam-se em dar preceitos sobre a respeitabilidade e continencia que devem ter os bispos; sobre o recato que compete ás diaconisas, sobre o amor reciproco que entre si devem tomar os fieis, o auxilio que lhes cumpre uns a outros prestarem-se, a submissão ás auctoridades, embora as mais despoticas, a paciencia com que devem soffrer os defeitos alheios, e a resignação com que lhes cumpre tolerar as tribulações.

Os primeiros santos padres seguiram esses grandes modêlos, e toda a sua moral se reduz a exhortações. As communhões christãs conservaram-se afastadas da sociedade antiga, do contacto do mundo, e dos interesses terrestres. Sempre com os olhos fitos no céo, sempre anciosos pela proxima vinda de Jesus, os fieis eram isentos de ambições, livres das inquietações e cuidados que dão aos outros homens o trafico e manejo dos negocios. O amor que os unia entre si tornava-os todos iguaes em bens. Juntos soccorriam os afflictos e doentes, juntos tomavam frugaes refeições e entoavam hymnos ao Senhor. Os padres ou presbyteros, que pouco ou nada differiam dos bispos (Stap, *Estudos de critica religiosa*), os vigiavam, os ensinavam, os catechizavam, os dirigiam. Os diaconos e diaconisas os serviam e administravam as alfaias da comunidade. A simplicidade com que viviam dispensava complicados regulamentos e severa administração. Assim se estendeu a nova religião, assim

foi secretamente lavrando por toda a terra, attrahindo a si os pobres e desgraçados, todos aquelles a quem o mundo com todas as suas pompas, com todas as suas folganças, com todas as suas alegrias, intrigas, desordens, repellia ou desgostava.

A sociedade, o mundo não os encarava com bons olhos; ignorava e desfigurava as virtudes dos fieis. A recusa de sacrificarem aos deuses do imperio era tida como teima e obstinação irracional; o despreendimento dos bens da terra, era preguiça e apathia; as trévas em que se envolviam suscitavam mil boatos de medonhas devassidões e de praticas nefandas, entre os quaes sobresahe a tão repetida accusação de immolarem uma criança e de renovarem o execravel banquete de Thyestes, porque tomando o pão benzido pelo padre, diziam tomar o corpo do filho de Deus.

Confundidos a principio com os Judeus, eram depois mais odiados que elles, porque estes ainda assim, pela sua actividade commercial, tinham certo prestimo; ao passo que os christãos eram apenas inertes misanthropos, nocturnas aves agoureiras, occupados unicamente em prognosticos e desejos de desastres e calamidades publicas; assim chamavam com certa razão os pagãos á expectativa constante em que viviam os fieis da proxima vinda do Christo acompanhado dos terrores, desolações e vinganças narradas no Apocalypse.

Eis-aqui o que o auctor do dialogo *Philopatris* diz de uma assemblêa de christãos:

« CRITIAS = Esses homens que andam nos ares interrogaram-me depois sobre o que ia pela cidade e pelo mundo; respondi-lhes: « o povo está cheio de jubilo e

tudo promette uma prosperidade duradoura. » Elles, carregando o sobrolho, replicaram que não aconteceria assim, e que estavam prestes a rebentar desastres espantosos... Então como se tivessem alcançado victoria, entraram a fallar nas materias da sua predilecção, pretendendo que as cousas caminhavam mal em Roma, que se dariam desordens e dissensões, que as nossas tropas ficariam derrotadas. Aqui, não me podendo mais conter, gritei-lhes, inflammado em cólera: — Miseraveis! oxalá recáiam sobre as vossas cabeças os males que annunciaes, visto que tão pouco amaes a vossa patria.

« TRICPHON = E que te responderam esses rapados tanto na cabeça como no entendimento?

« CRITIAS = Supportaram tudo com placidez e recorreram aos costumados subterfugios, sustentando que viam essas prophecias em sonhos depois de ter jejuado dez dias e gasto outras tantas noites a cantar os seus hymnos. » (Chateaubriand, *Estudos historicos* — 5.º est., 1.ª parte.)

São bem conhecidos os textos de Dion Cassio e Suetonio referindo as suspeitas de Judaismo que motivaram a morte de S. Clemente da familia do Cesar Domiciano. Tacito conta, sem a stygmatisar, a crueldade com que Nero mandou queimar os christãos, antes parece approvar o meio com que por algum tempo se abafou essa peste que tão prejudicialmente tinha de grassar de novo e se estender por todo o imperio. Juvenal faz do mesmo facto objecto de um grosseiro gracejo.

Os proprios apologistas contradizem-se quando pintam a benevolencia com que os fieis encaravam os pagãos: « Não adoramos o imperador — dizia Tertulliano — mas

dirigimos preces ao Altissimo pela sua conservação e a prosperidade do seu imperio.» Mas n'outro logar pretendia que um imperador não podia ser christão, isto é, que era um homem essencialmente máo. E lá estava o Evangelho a bradar: «A ninguém chameis mestre, a ninguém chameis Senhor.»

Queixando-se dos pagãos, o mesmo doutor exclamava: «O marido esquecendo antigos ciumes expulsa a mulher quando ella recuperou o pudor. O pae renega o filho quando elle se tornou submisso.» (*Uxorem jam pudicam maritus jam non zelotypus rejecit. Filium jam subjectum pater retro patiens abdicavit. — Apologetico, cap. 3.º, liv. 2.º*)

Mas na carta á esposa, mostrando os inconvenientes do casamento das christãs com os infieis, pinta com as mais vivas côres as dissensões intestinas necessariamente suscitadas pela differença das religiões dos conjuges:

«Como poderá a esposa christã — diz elle — servir a Deus, se tem a seu lado um escravo do demonio encarregado de a reter nos laços do mundo? Quer ella ir á egreja; o marido manda-a ir ter com elle ao banho antes da hora do costume; deseja ella jejuar, elle prepara um banquete; se ella tem de sahir, os servos não tem vagar para acompanhal-a. E depois consentirá acaso o marido que ella vá de rua em rua visitar os irmãos nos seus pobres albergues? Deixal-a-ha passar fóra a noute, na solemnidade da paschoa? Permittirá que assista a esses agapes tão mal vistos dos pagãos? Agradar-lhe-ha que penetre nas prisões para beijar os grilhões dos martyres, lavar os pés aos santos, trazer o alimento sollicita aos confessores? Se um irmão de fóra lhe entra

em casa, como o ha de ella hospedar? Se a communi-
dade precisa dos dons, o celleiro, a dispensa, a adega
não estarão á sua disposição. E supposto ainda que a
tudo annua o marido pagão, não convém confiar-lhe as
práticas christãs. Como poderá a esposa occultar-lhe o
signal da cruz que faz sobré o leito e sobre o corpo? e
o costume de soprando expulsar o que é immundo, não
o reputará elle uma operação de feiticeria? E não verá
sempre o que em segredo antes de todo o alimento ella
toma; e dêz que o souber não julgará que é esse pão de
que se falla? O que hão de cantar nos banquetes elle a
ella ou ella a elle? Que menção se fará ahi de Deus;
que preces se dirigirão ao Christo? » (Epistola ad
uxorem).

E Celso, relativamente á supposta submissão dos fi-
lhos christãos aos paes pagãos, diz o seguinte:

« Nas casas particulares vêem-se homens grosseiros, te-
celões, operarios ignorantes que se calam na presença
dos velhos e dos paes de familia, porém desde que depa-
ram em algum beco uma criança ou uma mulher, tra-
tam de as catechizar, persuadindo-lhes que não devem
attender aos paes nem aos mestres; porque são uns ton-
tos incapazes de conhecerem e de apreciarem a verdade.
Excitam d'esse modo os mancebos a sacudirem o jugo
paterno, e convidam-os a entrarem na loja de qualquer
tintureiro ou sapateiro para ahi aprenderem o que é a
essencia da perfeição. » (Orig. contra Celso.)

Atravéz do sarcasmo e da mofa a verdade da accu-
sação transparece aqui. Vê-se ao vivo n'esse trecho a
humilde condição dos primeiros fieis e o fervor do
proselytismo que os animava; e reconhece-se as pertur-

bações e desordens que no seio do paganismo elle devia causar. Gibbon, na *Historia da decadencia e quéda do imperio romano*, nota com a sua costumada sagacidade quão fundo penetra a religião na vida dos menos devotos; que influencia adquire em todos os seus habitos quotidianos, em todas as suas acções mais ordinarias. No paganismo todas as horas do dia eram consagradas aos deuses; a cada acto da vida, quer publica quer privada, presidia um nume.

Cada palavra, cada acto de um pagão estava por algum uso, por alguma prática supersticiosa, ligado á religião; essas práticas que elle exercia automatica e instinctivamente deviam porém parecer ao christão odiosos preceitos de idolatria.

No tracto social e domestico toda a harmonia era entre ambos impossivel. O pagão devia encontrar no recem convertido a cada instante um censor importuno, um conselheiro molesto; nem expansões de amizade nem bellos projectos para o futuro se podiam já entre elles dar; o que um amava, o outro desdenhava; o que este desprezava era para aquelle objecto de veneração. Não haviam vinculos de parentesco, não podia existir amor que resistisse a essa perpetua discussão gerada pela absoluta discordancia de opiniões. Por seu turno o christão, considerando o infiel como um escravo do demonio, occultando-se d'elle para se entregar ás suas devoções, ia pouco a pouco afastando-o dos seus affectos; a sua presença ia-se-lhe tornando incommoda e pezada, e só se sentia satisfeito e á vontade nos banquetes dominicaes entre os seus novos irmãos.

Essas dissensões domesticas são de resto bem denun-

ciadas nas proprias legendas dos santos: apparecem ahi constantemente maridos e paes perseguidores; esposas e filhos que lhes resistem com toda a heroicidade da fé. Nem podia o christianismo deixar de ser hostil á idolatria e á antiga sociedade que era chamado a derrubar e substituir; e em summa n'essas desordens, n'essas guerras, se realisa a terrivel prophesia do proprio Christo: (Lucas cap. 12).

49. Ignem veni mittere in terram: et quid volo nisi ut accendatur?

51. Putatis quia pacem veni dare in terram?

52. Non, dico vobis, sed separationem.

53. Erunt enim ex hoc quinque in domo una divisi, tres in duos, et duo in tres.

Dividentur: pater in filium et filius in patrem suum, mater in filiam et filia in matrem; socrus in nurum suum; et nurus in socrum suam.

Era esse o signal da approximação dos tempos por que anhelavam os fieis.

Todavia a razão tem muita força: frequentissimas vezes a excellencia da nova religião vencia a repugnancia creada por inveterados habitos; os conselhos dos neophytos eram ouvidos, e o zelo da propaganda christã ganhava novos triumphos.

« Um marido christão — conta o historiador Sozomeno (apud Fleury, *Historia ecclesiastica*, liv. 28) — debalde se cançava para trazer a esposa á luz da fé: afinal ameaçou-a que a expulsaria de casa se ella não se resolvesse ir á communhão. A mulher cedeu, mas em vez do pão eucharistico metteu na bôca um pão ordinario que tinha trazido de casa e que se converteu em uma pedra ma-

ravilhosa que por muito tempo se conservou, segundo o credulo escriptor na *Egreja metropolitana de Constantinopla.* »

Esta fabula confirma o que dissemos. Vê-se aqui primeiro a dissensão. O proceder do marido é algum tanto brutal; mas depois vem o milagre sanar os males e tudo volta á primitiva harmonia. Na realidade, porém, não eram de ordinario os maridos, eram as esposas, eram as mães, era a mulher geralmente que attrahia ao christianismo, o que teremos occasião de amplamente demonstrar no seguinte capitulo.

Quando a religião de Jesus se tornou dominante, quando subiu ao throno pela conversão de Constantino, os povos dos campos (*pagani*, d'onde o nome de paganismos á religião vencida) permanecerem ainda arreigados ás antigas superstições; todos os desastres, todas as calamidades que sobrevinham ao imperio, eram, no julgar d'elles, attribuidas á deserção dos templos e á falta dos sacrificios; não succedia desgraça que não fosse imputada á impiedade dos christãos, e na grande invasão dos Godos, nos horrores da tomada de Roma pelo seu chefe Alarico os clamores recrudesceram a ponto de terrorificar os proprios christãos apezar da sua influencia e poder. O tribuno Marcellino insistiu com S. Agostinho para que elle empenhasse os seus talentos em desfazer essas abusões. O grande doutor primeiro incumbiu a Orosio de escrever uma historia universal destinada a provar ao mundo os beneficios do christianismo; dirigiu elle proprio uma epistola a Marcellino; e não satisfeito com esses trabalhos, compoz sobre o mesmo assumpto a maior

das suas obras, esse sublime e longo paradoxo intitulado = *A Cidade de Deus*.

A obra compõe-se de vinte e dous livros. Nos dez primeiros ataca o paganismo; nos doze restantes estabelece os alicerces da religião christã.

E' nos primeiros que se esforça de mostrar que a idolatria não tinha trazido vantagem alguma aos Romanos; que os falsos deuses em que se fiaram não os haviam podido proteger; que todo esse passado de triumphos e conquistas não tinha, na realidade, valor; que as calamidades presentes eram preferiveis ás glorias d'outr'ora, e que o estado do imperio desde Constantino primava em prosperidade sobre os auspiciosos tempos da republica!

Os proprios heroes de que a antiga Roma se ufava perdiam muito das suas virtudes, quando eram estas apreciadas á luz de uma rigorosa moral. Catão, rasgando as entranhas e entregando o filho á clemencia de Cesar, é inconsequente e criminoso. O suicidio de Lucrecia não póde merecer encomios; pois ou havia cedido ao furor do apaixonado mancebo, e então não era honesta; ou tinha sido violentada, e então porque devia morrer? (*Si adulterata cur laudata, si pudica cur occisa?*) — Regulo aconselhando a guerra ao senado, ostentava-se talvez nobremente patriota; mas quando para não faltar á fé jurada se entregava de novo á prisão e aos tormentos que lhe preparavam os Carthaginezes, praticava um acto de loucura, se não foi instigado pela crença de uma vida futura além da morte; e n'esse caso porque se hão de os romanos da actualidade tanto carpir por causa de